

Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa  
Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia

**O VÍNCULO POR UM FIO: A TOXICOMANIA  
COMO OBJETO TRANSICIONAL**

**FÁBIO PEREIRA ALVES**

Goiânia  
Outubro, 2005

Universidade Católica de Goiás  
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa  
Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia

# **O VÍNCULO POR UM FIO: A TOXICOMANIA COMO OBJETO TRANSICIONAL**

**Fábio Pereira Alves**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Psicologia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Denise Teles Freire Campos.

Goiânia  
Outubro, 2005

Ao meu filho Vitor Hugo.

## **Agradecimentos**

James, “é bom olhar pra trás e admirar a vida que soubemos fazer; é bom olhar pra frente; é bom nunca é igual, olhar, beijar e ouvir cantar um novo dia nascendo.”, sorria e saiba que eu te amo. Obrigado de alma pelo que fazemos por nossa família.

A Doutora Denise Teles Freire Campos, pela orientação segura e por me ensinar o que é escutar.

Ao Doutor Pedro Humberto Faria Campos, pela confiança e pelo respeito que sempre teve comigo.

Ao Doutor Francisco Martins, por sua consideração ao aceitar a fazer parte da minha banca avaliadora.

Aos meus amigos do Laboratório de Psicanálise, Thyago, Silvia, Suraia, André e Jordana, pelas discussões clínicas em nosso grupo de estudo. Aprendo com vocês todos os dias o valor de uma amizade sincera.

Aos funcionários do CAPS-GIRASSOL, representados aqui pela Psicóloga Rose, pela acolhida e incentivo ao acreditar no meu trabalho.

## Resumo

A partir do referencial psicanalítico, buscou-se no presente trabalho estudar como se configura o vínculo em uma família com adolescente toxicômano. Segundo o DSM-IV, a nosografia médica insiste em colocar a toxicomania como uma doença; mas seria essa uma causa ou conseqüência de outras patologias? Por outro lado, a toxicomania parece apontar para o que alguns autores chamam de “excessos da modernidade”. Dessa forma, ela funciona como um signo do abuso, da transgressão à Lei; ou seja, é a ausência de referenciais, de limites, de norma. A droga tem a função de dizer o indizível (Olievenstein, 1989) ela denuncia o fio tênue do vínculo familiar. Ela sustenta uma identificação no vazio, sem corpo, ela é a marca da ‘falta’. O sujeito toxicômano reconhece na abstinência o que lhe falta [manque], por isso, encontra-se totalmente envolvido na busca desse objeto, essa é a verdadeira razão de ser da estrutura toxicômana (Rassial, 1999). Dentro do dispositivo de escuta psicanalítica, procedeu-se a duas entrevistas do tipo clínico, realizadas em dois momentos: inicialmente com o pai, e posteriormente com o filho adolescente usuário de droga. O material coletado nas entrevistas aponta para uma configuração no vínculo familiar, que parece tomar a noção de “objeto transicional” como modelo; um vínculo que evidencia uma ligação frágil entre pai e filho. Em que essa fragilidade é resultado de uma identificação precária do sujeito com o objeto, que parece resultar na fixação do filho em uma posição de demanda, uma posição entre narcisismo primário e a entrada no Édipo. Os resultados nos levam a supor que o paradigma do objeto transicional é um importante modelo teórico para a compreensão e a intervenção clínica em casos de toxicomania.

**Palavras Chaves:** Toxicomania; Adolescente-Droga; Família-Droga; Droga; Objeto Transicional; Psicanálise.

## Abstract

Based on psychoanalysis, the present work has as its objective to study the family ties between a drug addict and his family. According to DSM-IV, the medical nosography insists on considering drug addiction a disease; however, would that be one of the causes or just the consequence of other pathologies? On the other hand, drug addiction seems to be what some authors call “modernity excesses”. This way, it is regarded as a sign of abuse, of law breaking; that is, it is the absence of reference points, limits, rules. The drugs say what cannot be said (Olievenstein, 1989), they expose the susceptible family ties. They sustain an identification in the emptiness, without a body, they are the sign of what is “missing”. A drug addicted recognizes in the abstinence what is lacking, that is why he dedicates himself completely to this cause that is why drug addiction exists (Rassial, 1999). Through the psychoanalytical listening process, two clinical interviews were held in two different moments: first with the father and later with his addict son. The results show family ties as a “transitional object”; ties that put in evidence the fragile link between father and son. This fragility is the result of the poor identification of the subject with the object, what seems to end up in the son’s fixation on a position of demand, a position between primary narcissism and the entrance in the Oedipus. The results make us suppose that the transitional object’s paradigm is an important theoretical model that enables the understanding and the clinical intervention in cases of drug addiction.

**Key Words:** Addiction; Adolescent-drug; Family-Drug; Drug; Transitional Object; Psychoanalysis.

## Sumário

<b>Resumo</b> .....	<b>v</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>vi</b>
<b>Sumário</b> .....	<b>vii</b>
<b>Capítulo 1: Família e Vínculo</b> .....	<b>01</b>
1.1. Da Família Medieval à Família Burguesa.....	01
1.1.1 - A Família Moderna/Sociedade tardo-burguesa .....	08
1.2 - O Vínculo Grupal .....	11
1.3 - Vínculo: Identificação, Relação Objetal e Complexo de Édipo .....	14
1.3.1 - O Complexo de Édipo .....	18
1.3.2 - Vínculo Social .....	20
<b>Capítulo 2: Toxicomania e Laço Social</b> .....	<b>23</b>
2.1 - A Toxicomania como Fenômeno Social.....	23
2.2 - Toxicomania e Vínculo Familiar .....	28
2.3 - A toxicomania como “objeto” da clínica.....	31
2.4 – A Psicanálise e a Clínica da toxicomania .....	37
<b>Capítulo 3: A Toxicomania como Objeto transicional: um estudo clínico</b> .....	<b>46</b>
3.1 – Percurso Clínico .....	46
3.2 - O encontro, o vínculo: a palidez de um pai .....	51
3.2.1. O casamento: um conflito identificatório .....	55
3.2.2. O Espelho Quebrado: não cola, separa .....	56
3.3. O encontro com o adolescente toxicomano: Uma conversa por um fio .....	59
<b>Discussão Final</b> .....	<b>64</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>69</b>

## Capítulo 1

### Família e Vínculo

#### 1.1. Da Família Medieval à Família Burguesa

A estrutura feudal se caracterizava por sociedades com a economia voltada ao agrário, ou seja, uma sociedade fixada no cultivo da terra. As pessoas se achavam afetivamente ligadas umas às outras graças à tradição, ao parentesco sob a qual se compreendem costumes com a tendência para a economia natural, bem como os laços de dependência pessoal associados ao trabalho da terra. Existia um sentimento de pertença, ou seja, pertencer a uma família ou clã. Este tipo de organização social se constituía entre as pessoas inseridas em um sistema social completamente sólido e de controle informal.

É o tipo de vinculação de uma sociedade agrícola, na qual o limite se fixava a partir da posse de uma propriedade rural e conseqüentemente os limites permeavam as relações, através de uma hierarquia familiar com o eixo de poder comunitário. E como representante desse poder as figuras do senhor feudal ou religioso, possuindo atributos de liderança nas pequenas comunidades, que ora viviam em latifúndios sem interesses econômicos e somente voltadas à subsistência e à conservação dos bens. "A sociedade agrícola proporcionava o encontro entre os homens, dentro de condições concretas e determinadas", como diz Resende (2003, p.202). Não existia uma divisão do trabalho, a produção se dirigia ao bem comum.

Na idade média a aprendizagem da criança ou do jovem se dava por uma educação prática, não havia limites entre o mundo do trabalho e a vida privada. Até



então a escola não fazia parte da transmissão do saber e a aprendizagem era feita de uma geração para a outra. As crianças freqüentavam outras casas, outras famílias. Ariès (1981), "de modo geral, a transmissão do conhecimento de uma geração à outra era garantida pela participação familiar das crianças na vida dos adultos" (p.230). As crianças eram adultas em 'miniatura'. As famílias enviavam suas crianças a outras famílias para aprender ou ter a noção de boas maneiras. O vínculo era comunitário e compartilhado no cotidiano social. O contato de cada dia e a divisão das tarefas do cotidiano se faziam entre todos. A família não gerava expectativas em relação a sentimentos mais profundos. A aprendizagem moral e social era a preparação para a vida, e o desenvolvimento misturava uma prática cotidiana entre trabalho e diversão. A obra da aprendizagem era comum a todos com o intuito de perpetuar o estabelecimento da família, envolviam-se todos nesta contribuição, assim se estruturavam o psiquismo e a sociabilidade na idade média.

O vínculo medieval respeitava os limites geográficos, autoridade local e os laços consangüíneos. O sentimento de família não existia na Idade Média. A linhagem é que definia a estrutura familiar. A linhagem se estendia a todos os descendentes consangüíneos, que se agrupavam e residiam numa mesma propriedade, ou seja, o patrimônio e a família eram indivisíveis. As relações familiares mudam radicalmente com a vinda da criança para o lar.

No século XV, foi-se impondo uma designação própria do homem livre, buscando melhorar a sua sorte, os sujeitos ou grupos começaram constituir outros feixes de relações sociais. "A partir do século XV, as realidades e os sentimentos da família se transformariam: uma revolução profunda e lenta, mal percebida tanto pelos contemporâneos como pelos historiadores, e difícil de reconhecer", diz Áries (1981, p.231). Assim se inauguram a família burguesa e as sociedades industriais. O

vínculo social, antes comunitário, agora volta para o interior da família e estabelece uma nova sociabilidade. A linhagem é reduzida à célula conjugal e conseqüentemente os seus filhos. A aprendizagem comunitária se transferiu para a escola. O sentimento de família nasce diante desta aproximação. A família se divide, não agrupando todos como antes.

Ocorre uma mudança na dinâmica familiar. A criança passa a ocupar um lugar de destaque, dentro da família, estreitando-se os laços consangüíneos e ditando-se novos valores como: a coabitação e a intimidade. A família agora é conjugal e o poder é o pai. A família transformou-se profundamente à medida que modificou suas relações internas com a criança. Áries (1981) diz, "os deveres de um bom pai de família reduzem-se a três pontos principais: o primeiro consiste em aprender a controlar a mulher. O segundo, em bem educar seus filhos, e terceiro, em bem governar seus criados" (p.263). O comportamento era regido por exigências externas, fomentando o *tabu*, o sagrado e a ambivalência de sentimentos (amor, ódio, etc.). A função familiar esbarra na dependência entre todos e a complexa lógica do controle. O espaço é afetado e a subjetividade é expressa no controle do corpo, da herança, do sexo e da reprodução.

A família burguesa e as sociedades industriais se associaram à inauguração de um período histórico no tocante ao progresso e à capacidade de os homens viverem com certa inquietação e uma busca constante na esperança de um novo porvir e a recriação de um mundo repleto de igualdades necessárias à implantação e à produção capitalista.

Os sujeitos se constituíam na alienação e submissão numa tentativa de restringir o sexo, impossibilitando o gozo, portanto o prazer, ao interior de uma instituição "controlável" e expressa em um casamento monogâmico-patriarcal.

Sendo assim o espaço educativo da família proporcionou o estabelecimento da ordem burguesa. O desenvolvimento sustentado pela “esperança, da crença no progresso social, na fraternidade humana”, conforme Enriquez (1999).

A família exprime a política ideológica do capital. A superestimulação afetiva é um processo de base que elabora uma coesão em torno do núcleo familiar. A coesão estabelece conflitos internos devido às proibições dos pais e às rivalidades da constelação edípica. Tal pensamento amplamente desenvolvido pela família burguesa seria a transmissão de seus conteúdos e valores a cargo do pai para estabelecer a educação burguesa. Rouanet (1998) diz, "Freud via essa relação entre a autoridade do pai e a autoridade extra familiar. Mas, para ele, a última se representava pelos professores, chefes, líderes políticos, etc., e se constituía um prolongamento, para o indivíduo, da autoridade paterna" (p.64). A socialização era transmitida pelo poder paterno, através da família. O aprendizado da autoridade nascia no grupo familiar e somente a família possuía a condição de exercer tal função. Os atributos morais, baseados na verdade e no bem, eram a legitimidade ética do poder, tudo em nome da moral, assim se configurava a estrutura social prolongada na autoridade paterna, como função de moldar o caráter individual desde a infância até a idade adulta.

O grau de modificações, pela qual a família passou, e a estruturação dos ideais identificatórios sugerem uma investigação do vínculo familiar e social, expressão de uma subjetividade, cujo núcleo se constitui de uma alteridade que pode produzir uma cartografia social, "Freud já percebera, ao observar que relações familiares diversas podem produzir ‘destinos pulsionais’ diversos”, Rouanet (1998, p.62).

A questão de compreender o funcionamento e o papel social da instituição família não consiste em explicar quais de seus efeitos são ou não aplicados ao capitalismo, então, “a família representa, antes de mais nada, certos conteúdos sociais, e sua tarefa básica é a de transmitir esses conteúdos. Não se trata, no entanto de transmitir opiniões ou ponto de vista, mas de produzir as estruturas psíquicas socialmente desejadas” (Rouanet, 1998, p.63).

As transformações, pelas quais passou a família do final da Idade Média à sociedade tardo-burguesa, foram acentuadas, mas não se operaram em termos de instauração ou aumento da repressão. A família como instituição de um aparelho ideológico foi palco de progressiva e detalhada intervenção com a produção de efeitos internos e externos de poder, não há dúvida.

Os mecanismos de implantação destes novos poderes não se enquadram propriamente num título de proibição, interdição. A autoridade paterna se faz na família. O aprendizado da autoridade leva a criança não somente aceitar a personificação da força, mas o pai encarna o Bem absoluto. O pai é forte, tem o direito de mandar e o seu poder é exercido em nome da moral (Rouanet, 1998).

Então a família patriarcal se estrutura na repressão e na legitimidade de uma crença na ética de constituir uma formação cultural capaz de prolongar com intensidade o aprendizado da “Verdade e do Bem” na expressão de Rouanet (1998). Pode-se dizer que, do ponto de vista simbólico, a lei e a ordem provinham dos poderes emanados do pai. Então, qual a relação existente entre a subjetividade e os destinos sociais? A coerção na família burguesa está associada à capacidade formadora e decisiva de uma “nova” instância do aparelho psíquico, o supereu. Assim, o poder paterno passa a ter um papel central na formação educadora da criança como forma de perpetuação e, conseqüentemente, na formação de uma

estrutura psíquica com seus ideais identificatórios configurados na lei da autoridade paterna.

O supereu é uma das três instâncias [Eu e o Isso] da segunda tópica, que segundo Freud é inconsciente. O supereu é o juiz implacável diante do Eu. A prática pedagógica do supereu inculcada na infância legitima a autoridade paterna através de uma identificação. Os papéis desempenhados na família eram estruturados pela educação, com prevalência do caráter autoritário, no qual a submissão era incondicional, as pulsões fazem parte do jogo das identificações e encontram satisfação no reconhecimento da existência do outro. Neste momento histórico era o pai o portador desse jogo do desejo, e se assegurava à criança o seu lugar na ordem simbólica social, que era tomada como modelo. É a realidade psíquica constituindo a realidade social. Essa idéia de uma atividade mental inconsciente é um dos pressupostos fundamentais da psicanálise. Aceitando-se as categorias Freudianas e seus mecanismos, o recalque pulsional sendo uma alteração inconsciente de recusa frente ao que é intolerável e o supereu, como perpetuação da autoridade, permitem entender a socialização familiar burguesa, seu sujeito e suas estruturas psíquicas duráveis, que representam os valores e a ideologia mediatizados pela autoridade do pai.

A socialização familiar configurava-se na criação de estruturas psíquicas duráveis, expressas nos valores ideológicos e na autoridade do pai, o externo regulava a ação do sujeito. O supereu configurava-se com a internalização no sujeito, da autoridade externa e do controle sexual através da identificação com o pai. Deste modo, a estrutura psíquica recebe a injunção da autoridade e das normas associadas ao poder paterno. O que deve ser feito e o que pode ser feito são expressões de um modelo econômico capitalista com substratos derivados da impossibilidade do gozo,

liberando-se assim a energia, não mais livre, mas, sobretudo, neurótica condição prévia da dominação dos assalariados. Valores sociais expressos nas relações e na estrutura psíquica dos sujeitos. Portanto, o recalque proporciona a garantia que certas ações do poder externo, do pai, sejam instituídas com eficácia no social, através da identificação projetiva dessa autoridade. A alteridade é reconhecida, fortifica a linguagem e o vínculo social, e a coesão proporciona ambivalência de sentimentos.

O controle sexual e a autoridade paterna são características marcantes da sociedade burguesa, em *Totem Tabu*, Freud (1912-13/1996) já dizia sobre o *big bang* da civilização, a essência do conflito e sua idealização permanente, a figura do pai, interdição do incesto, constituição do sujeito desejante e a assimilação dos superegos paternos. Enriquez (1999) lembra, "Freud é inquietante em sua simplicidade. Para ele, um grupo só é imaginável e coeso a partir de um projeto comum" (p.32). A organização familiar seria como um primeiro projeto social e cultural. O pai teria uma função mítica de sufocar e castrar, impedindo o impulso censurado de aflorar à consciência, pelo medo e punição, essa é a normatividade, a autoproteção do poder. Mitificam o pai, o fundador do grupo venerado como *Totem* ou Deus, respeitado, portador dos valores, cuja legitimidade o faz fundador do grupo e da exploração do vínculo social. É o supereu encarnado, a lei da vida. Freud (1924/1996) comenta, "a autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego que assume a severidade com o pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo o ego do retorno à catexia libidinal" (p.220).

A repressão e o sentimento de culpa, como consciência moral, colocavam as pessoas dentro de um sistema extremamente sólido de controle social informal, era pura estrutura.

### 1.1.1 - A Família Moderna/Sociedade tardo-burguesa

A repressão suscita um sentimento de força comum favorecendo uma coesão grupal. É na família que se processa o desenvolvimento cognitivo e social ao mesmo tempo. Assinalará Roudinesco (2003), “a invenção da família edipiana teve tal impacto sobre a vida familiar do século XIX, e sobre a apreensão das relações inerentes à família contemporânea, que é indispensável captar por que estranho caminho Freud conseguiu assim revalorizar as antigas dinastias heróicas a fim de projetá-las na psique de um sujeito culpado de seus desejos” (p.47).

Pode-se dizer que três processos marcaram acentuadamente as modificações na estrutura familiar: a) um reordenamento das relações entre o público e o privado, instaurando uma espécie de confrontação entre o espaço familiar, antes privado, e o espaço do social (público); b) um rígido disciplinamento do corpo e dos hábitos higiênicos e dos costumes na própria classe burguesa fazendo emergir um padrão de “civildade” e uma norma familiar de controle dos comportamentos (hoje persiste sob a forma dos mitos, o mito da felicidade burguesa, o mito do presente, etc.); c) o estabelecimento daquilo que Foucault (1985) viria chamar de dispositivo da sexualidade, compreendendo desde a ‘descoberta’ da sexualidade infantil, o casamento monogâmico e indissolúvel até a taxinomia médico-júridica das sexualidades periféricas “contra-a-natureza”.

Com o avanço da industrialização as cidades cresceram e as necessidades também, por isso a mão de obra assalariada era utilizada na produção de bens de consumo e como requisito básico o fomento nas trocas de mercadorias para suprir as necessidades materiais. O homem passou a viver de expectativas alicerçadas nas necessidades imaginárias de ter cada vez mais para preencher o seu ser, articulava-se

intimamente aos destinos do desejo e ao desamparo do horizonte. As transformações na história do sujeito não foram somente materiais, mas também mudanças no aparelho psíquico, permeadas pelo real e pelo imaginário, refletindo-se nos processos identificatórios, mudando sobremaneira a estrutura de comportamento do homem moderno.

São transformações na estrutura social e na existência do homem moderno. A estrutura bem definida e recortada pelo poder do pai se expande e a ela se agregam outros valores, então, "elementos fundantes na ciência (matematização da ciência), na filosofia (noção de sujeito), na política (Revolução Francesa), na tecnologia (Revolução Industrial) e na estética configuram esse novo estilo de vida", pontua Chaves (2003, p.182). Há transformações profundas, principalmente no que se refere aos saberes científicos, antes dominados pela religião e pela nobreza, agora valem só a ciência e o mercado. O pai já não fala sozinho. Ao mudar o regime de produção da verdade a função da linguagem é alterada, ou seja, o homem é deposto de seus pensamentos e se instala a lógica utópica do racionalismo absoluto. Até então, a realidade da civilização era percebida como imutável.

As necessidades e abstrações imaginárias se constituem em uma materialidade deste poder tecnológico, que se torna produtivo na perspectiva de não aplicar somente interdições, as quais gerariam inevitavelmente reações violentas. Cria-se uma tecnologia de controle de disciplina. O objetivo desta nova tecnologia seria a de produzir saberes sobre as manifestações individuais, saberes articulados às necessidades da vida econômica, social, política, cultural, ou seja, saberes adaptados ao regime de produção industrial e ao regime de produção da verdade dentro de uma racionalidade dita científica, e por tal, objetiva, neutra e absoluta.



Embora os sistemas de poder propaguem a imagem do indivíduo como centro do movimento (o que poderíamos chamar de ideologia do individualismo), cujo emblema é o slogan do “*self made man*”, toda e qualquer manifestação individual (seja no discurso, no sexo ou no mundo social) já se encontra catalogada, já constitui objeto de explicações que lhe são exteriores: a verdade sobre a ação e o pensamento não se encontra no sujeito (na subjetividade), mas, sim em sua racionalidade científica, que explica ao sujeito as causas “reais” (objetivas, neutras) de sua ação, de seus sentimentos. Assim a racionalidade científica exerce o controle. A lógica individualista comanda a vida social, “notoriamente, a natureza dessa perspectiva é mitológica, embora se esconda sob o véu da verdade científica; e é também ideológica à medida que o mito opera efeitos de poder dentro das relações sociais” (Campos, 2003, p.11).

Na modernidade o eixo da sociabilidade agrega a interioridade e a reflexão sobre si mesmo. Os vínculos sociais e conseqüentemente o vínculo afetivo se modificaram constituindo uma realidade mutável de acordo com os interesses em organizar psiquicamente uma perpetuação de poder e uma nova sociabilidade. Trata-se de uma sociedade em busca da imagem e do espetáculo.

As pessoas são tratadas como unidades produtivas e não como unidades afetivas. O sujeito está psicologicamente isolado em uma multidão e isto constitui o contra-senso moderno. A solidão do sujeito na multidão teria provocado um conflito com o ego? As identificações são processos esclarecedores do funcionamento dos grupos. Freud (1915/1996) dizia que o vínculo é de dupla espécie, ego e ideal do eu. O que o homem “projeta como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido da infância; naquele tempo, ele era para si mesmo, seu próprio ideal” (p.116). O ideal do eu é um modelo de referência simbólica de uma relação do sujeito consigo

mesmo. É neste lugar que o sujeito instala o seu objeto de amor. São investimentos libidinais em que uns se identificam com outros, com a intermediação do ego. A dialética de *Eros* (vida) e *Tânatus* (morte) impulsiona na realidade do sujeito o chamado impossível de realizar tudo (gozo pleno). A realidade material, também chamada de realidade externa penetra no aparelho psíquico através do Ego, através de impulsos do princípio de realidade. A civilização processa limites necessários aos livres impulsos naturais. A interdição é necessária, pois sem aquelas realidades não seria possível a convivência. A ambivalência entre *Eros* e *Tânatus*, por conseguinte, é negativa e grafa sob o ponto de vista do impossível. A dialética negativa explicita que a família na cultura patriarcal é imutável, dando importância a existência do Outro para a construção da identidade e da necessidade de rompimentos com o narcisismo para estabelecimento do Ego, ou do Ser, sempre foi e será num certo sentido repressiva. A proibição dos impulsos é o inimigo interno, auto-destruidor, e a impossibilidade do gozo pleno e no cultivo do espetáculo são repressões imprescindíveis à civilização. Aqui, então, se situam os papéis, as relações e o exercício do poder.

## **1.2 - O Vínculo Grupal**

A visão ideológica apresenta ao mundo os indivíduos como resultados, sobretudo, de suas escolhas subjetivas e suas respectivas ações. Evidentemente esta visão esconde um sistema de produção em que necessariamente o que é atacado (no sentido de controlado) é a subjetividade, através da anulação ou da obliteração da alteridade. A ideologia da supervalorização da subjetividade engendra uma

subjetividade sem o outro, sem vínculos com a alteridade, portanto, uma subjetividade vazia (Birman, 2000; Bauman, 1997; Rouanet, 1998; Enriquez, 1999). A relação entre homens e mulheres, suas diferenças, é a base de todo relacionamento humano. A questão de compreender o vínculo e seu papel primordial nas relações humanas produz um material simbólico de aliança e de reciprocidade.

O vínculo grupal vem acompanhado de dois verbos: o associar e o dissociar. O vínculo proporciona que o sujeito articule sua personalidade no campo psicológico e no campo de suas interações. Partindo então dessa premissa, são atividades fundamentais da psique, pois através destas combinações, que se estabelecem entre o material psíquico e o grupo, é que se fundam a pulsão de vida (*Eros*) e a pulsão de morte (*Tânatos*), prazer e desprazer. "O vínculo mau relaciona-se com experiências de frustração, e o vínculo bom com experiências gratificantes. Referimos à noção de vínculo ao que Freud chama de instinto de vida e instinto de morte", ressalta Pichon-Rivière (1998a, p.74). A renúncia da onipotência infantil narcísica sendo submisso às proibições parentais e o início do declínio da estrutura edipiana. A percepção desta realidade é inversa ao narcisismo. O reconhecimento da morte e a interdição do incesto confluem na mesma direção: a quebra do narcisismo original e a possibilidade de outro ordenamento social. Ordem que não se sedimenta na felicidade, o gozo permanece impossível, apenas seria menos patogênica. A barragem dos impulsos é trágica, estabelece um primeiro momento do conflito moderno, a "separação" do sujeito constituído na multidão, o indivíduo, o nascimento da cultura narcísica, antes era estrutura, agora é a ilusão. O vínculo social se apresenta em princípio, como um vínculo trágico, é a compreensão do outro não como desejo de satisfação e sim "sujeito de seus desejos", ou seja, perigo permanente para o narcisismo, para a sobrevivência (Enriquez, 1999). É a

experiência vivida de forma trágica, no sentido de se preencherem as lacunas provenientes da ilusão de se reconhecer na relação entre a verdade, a ciência e o mercado. O amor, o crime e a violência são o reconhecimento e destruição do desejo do outro, problemas da alteridade moderna. Ao relatar a angústia pode-se destacar a segunda fase da modernidade, chamada por alguns autores de pós-modernidade e a configuração do seu mal-estar.

As normas sociais e o controle estão entregues a três instâncias: a escola, ciência (corpo) e a família. O desbloqueio tecnológico aciona variados discursos e estratégias, cujo objetivo básico é estender uma rede de influências sobre áreas que até então se encontravam não orgânicas à estrutura de poder. De agora em diante será o médico, o psiquiatra, o sexólogo, que estarão autorizados a fazer falar do corpo do sujeito, e suas emoções. Também isto é válido para as relações familiares. Em casos de dificuldades, a família não é considerada (e nem a família no sentido mais extenso) como portadora de recursos/habilidades para resolvê-los: a educação dos filhos, a relação sexual, adolescência, os papéis masculino e feminino, etc. São saberes das ciências tais como: a psicologia, a pedagogia, a sociologia, a psicanálise. Com base na psicanálise isto se formula assim: quais os destinos possíveis para a organização da libido ou quais as possibilidades de subjetivação, na nossa cultura e no nosso tempo. Este problema somente pode começar a vislumbrar resposta em referência a um outro: o problema da produção da verdade nas sociedades modernas, ou mais exatamente, da identificação dos centros de gravitação da verdade, socialmente válidos nas culturas ocidentais (Campos, 2003).

Uma das características fundamentais deste movimento de mudança dos centros de gravitação da verdade é o intenso investimento na libido narcísica, como emergência de uma norma social individualista. O sujeito é tomado pelo excesso, diz

Birman (2000). É a satisfação narcísica, rompendo com as referências da sociedade tradicional, queda da autoridade, contestação do poder e sua legitimidade, é o masoquismo devastador, engano e ilusão. Não existe uma figura de identificação, mas sim múltiplas identificações, contradições dentro da sociedade. Reconhecer o outro na instância parental configura-se em investimentos seletivos e não reconhecem o outro na singularidade, de acordo com Enriquez (1999), "a prática da virtude decretada em comum, as possessões das qualidades cívicas e morais não são suficientes para estabelecer nem os vínculos de fraternidade nem a experiência destes vínculos" (p.234). A dispersão familiar e conseqüentemente a mudança gravitacional do poder e da autoridade, a "expulsão" da criança do convívio comum deixaram de lado o afeto e o corpo, pois o outro é lugar simbólico e fundamental para o estabelecimento do significante, nomeiam-se os atos, as palavras e o destino do sujeito através do simbólico, segundo o conceito laciano. O Outro tem função de estabelecer um vínculo entre o desejo, o sujeito e o significante numa cadeia que determina o destino da pulsão e ao sentido simbólico do espaço como mediador das relações.

### **1.3. Vínculo: Identificação, Relação Objetal e Complexo de Édipo**

É importante ressaltar a identificação na realização do desejo através de sonhos, fantasias e no tocante à produção de sintomas. Freud (1914/1996) renuncia as satisfações narcísicas do sujeito, mas destaca a importância de assimilar traços e atributos dos "outros" que o cercam no desenvolvimento psicosssexual. O problema da identificação estaria no fato do recalçamento e da identificação precoce com a

mãe. Nessa ligação erótica intensa do bebê com a mãe se descreve a constelação familiar. “O narcisismo é que determina a escolha objetal”, acrescenta Ribeiro (2000, p.25) a criança se identifica precocemente com a mãe. Essa identificação é marcada pela exterioridade do seio como objeto, e constituindo, até então, o amor de si próprio. Este investimento primário de libido e o seio como significante de um objeto físico se constituem nos desejos instintivos, e suas fantasias inconscientes configuram a formação psíquica do imaginário do bebê. Freud (1914/1996) escreve que, “as primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem a finalidade de auto-preservação. Os instintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego” (p.94). No começo do desenvolvimento psicosexual os primeiros objetos sexuais e de vinculação original para a criança é a mãe ou qualquer pessoa que assuma a função de alimentação, cuidados e proteção.

As relações primitivas entre o amor objetal e as satisfações instintuais vão organizar os processos de internalização para cada sujeito. A escolha do objeto pode ser entendida como o início de uma memória subjetiva desses processos identificatórios entre a mãe, o bebê e o mundo. O ego infantil se completa na auto-suficiência e se imagina possuidor de um objeto de toda a perfeição e valor funde no ideal em si mesmo, ou seja, o narcisismo primário. A identificação é a manifestação mais precoce das ligações de sentimento a uma outra pessoa. A força de Eros faz o ego amar na busca da completude e da perfeição.

A identificação é essencial na teoria freudiana e no desenvolvimento psicosexual do sujeito. Numa primeira etapa, a identificação é primaria, fusional, pré-édipica. A sua concepção é fundada no desejo da criança de estar ligada afetivamente a uma outra pessoa, não distinguindo o ser do ter. A energia sexual

(libido) está voltada para o sujeito, que procura a partir das sensações corporais (ex. fome) satisfazer a si própria. Neste momento não existe o reconhecimento do Outro, é só desejo. Numa segunda etapa o processo de identificação ocorre quando o sujeito encontra-se diante da trama edípica ou fálica, é quando o menino se apaixona pela mãe, ele quer possuí-la, colocando-se como rival do pai, outrora admirado. Na terceira etapa o complexo de Édipo desaparece com o complexo da castração, ou seja, o sujeito sai do Édipo através da angústia de castração, no masculino a perda do pênis como castigo e no feminino pela inveja do pênis constatado pela ausência. O sujeito reconhece na expressão da figura paterna o obstáculo à realização de seus desejos. É à saída do Édipo por uma identificação. Essa fase se finda sob a forma da descoberta de uma autoridade paterna ou parental introjetada no eu forma aí o núcleo do supereu.

Na fase seguinte, o Ideal do Eu designa seu modelo de referência. Simultaneamente será substituído do narcisismo sendo a interdição na libido objetal. Seria, segundo Lacan (1995), o Outro como falante a representação parental. A criança expressa admiração pelos pais, portanto, ela renuncia aos seus impulsos e desloca a pulsão para outro objeto. O produto desta identificação propicia novos modelos identificatórios principalmente com as figuras parentais. Abre-se, portanto, a perspectiva de uma relação do sujeito com as regras, vindas do exterior, representadas pelas instâncias parentais. Ao internalizar uma nova regra, cada criança está diante de um processo doloroso de aceitação e não aceitação provinda do mundo externo. A sua expressão está ameaçada e sua dinâmica psíquica experimenta alterações no imaginário. A linguagem, então, exerce papel importante na atividade simbólica do sujeito, a troca afetiva não é vivida entre pares e sim entre terceiros. O bebê antes tinha a mãe como objeto desejante e num estado puramente

passivo com a linguagem e as relações de troca (Lacan, 1995). O que antes era simbiótico, agora faz parte de um universo cultural: viver a angústia da separação e constituir novos afetos. Vão surgir algumas conseqüências psíquicas significativas dessa diferenciação. Freud (1924/1996) diz que as percepções da diferença anatômica entre os sexos vão reorganizar a criança na escolha de outros objetivos e objetos constituindo novas identificações. A conseqüência desta separação entre mãe e filho é internalizada sob a desconfiança e o medo. Este desamparo configura na interioridade do aparelho psíquico uma ferida narcísica, um trauma. Rompe-se o vínculo materno e se estabelece o que Freud intitulou de castração. “Para o psicanalista o complexo de castração significa por vezes todo o processo de entrada da criança no universo da regra, seja do ponto de vista simbólico (diferença de gerações), seja do ponto de vista imaginário (diferença de sexo)”, Martins (2002, p.98), a relação antes simbiótica, agora ambivalente (amor x ódio/bem x mal), a criança identifica-se com o falo, pois a mãe imaginária da criança dirige o desejo para o pai. Ela se coloca no lugar do objeto de desejo da mãe, imagina que pode ocupar este lugar. O desejo é obstaculizado, orienta para a escolha de um objeto do mesmo sexo. O afeto de angústia é o combustível que move a pulsão nesse momento de uma “nova” estruturação psíquica. O psiquismo se constrói com objeto social intermediado pelo corpo, então a passividade da sociedade materna passa para a dialética entre o funcionamento agonista e antagonista. O afeto é duplo: ora é a respeito com o objeto ora o afeto do Eu. O Eu experimenta os limites internos e externos em relação ao objeto. Pode-se dizer que a angústia entendida por Freud é caracterizada pela experiência da separação e ao excesso de excitação pulsional. A separação, o vazio e a despersonalização são elementos que articulam um mínimo de



diferenciação egóica elaborando o narcisismo primário. Limita a expressão e o Eu experimenta o seu próprio metabolismo funcional.

### **1.3.1 - O Complexo de Édipo**

A autoridade paterna faz-se introjetando no Ego da criança a formação do supereu. O Eu representa uma sensação imaginária de destruição de seus interesses e os liga aos objetos parentais. Diz Freud (1924/1996), “as catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações” (p.196), o funcionamento simbólico altera sob a ameaça da angústia de castração. A castração em Lacan (1956-57/1995) ocorre sob a égide da angústia, mas a essa angústia acrescenta-se a fobia e faz uma diferenciação como um jogo de existência. Então, a criança não só se angustia, mas o medo que alguma coisa real possa vir e aconteça algo de catastrófico com ela. O abandono é imaginário e alicerça na “falta” que a mãe faz. O espaço da “falta” direcionado à mãe não tem significante próprio por ser neste momento vista como uma imagem “opaca”. A noção da “falta” é a dialética do ser e do ter; o pai é portador do desejo da mãe, ele é o Outro e possui o falo.

O corpo da criança se “separa” do corpo materno e se identifica com o lugar para onde o desejo da mãe dirige. Rompe-se a sociedade materna, dito anteriormente. “A fobia é construída à frente do ponto de angustia”, diz Lacan (1956-57/1995, p.253), ao entender a angústia e o medo, a criança renuncia aos impulsos e entra no mundo da estrutura. A ausência de poder e o desamparo provocam um mal-estar no psiquismo, a falta. O compasso e o descompasso configuram a construção do poder interno, que antes era um desejo pulsional sem

nome, agora é estruturado pelo exterior com o objetivo de articular o pensamento na construção do psíquico. Uma nova ordem inicia em busca de um novo limiar.

O sujeito constrói novos símbolos e significantes, que vão representar o sujeito diante de si mesmo. É insuportável para ele imaginar que o gozo perfeito não existe. A castração em Lacan é o núcleo estruturante da subjetividade da criança. O poder psíquico e o poder social estão intrinsecamente ligados. O poder do Ego se forma na realidade do limite do que é aceito ou não socialmente. O poder do superego é o de garantir a organização interna e sendo guardião dos padrões civilizatórios. A ordem simbólica de existir se funda na relação entre as representações internas e a experiência com os objetos externos.

A configuração da subjetividade é resultado desta cadeia simbólica, por isso, a castração é processo fundamental para a separação do falo com o objeto. O processo é dialético e o sujeito reconhece o Outro como diferente de si mesmo e o outro diz quem sou eu. O Outro, segundo Roudinesco (1998) “Termo utilizado por Jaques Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo” (p. 558). A relação dual com a imagem do semelhante. A busca pelo que “falta” organiza e estrutura o sujeito não como si mesmo, mas para o mundo. A função do falo dá o reconhecimento da “falta” na diferença anatômica entre os sexos. A relação imaginária que produz a diferença anatômica entre os sexos é representada simbolicamente pelo órgão sexual masculino (falocentrismo), Lacan [1956/1995] explica que, “ao considerar a relação dual como real, uma prática não pode escapar às leis do imaginário, e o desfecho dessa relação de objeto é a fantasia de incorporação fálica” (p.27). A identificação

permite a “ter” todos os parâmetros do pai e permitir-lhe incorporar ao sujeito a cadeia simbólica. Ele se identifica com o falo do pai, eis a condição de ser amado.

A experiência de afetar o Outro e ser afetado pode dar essa condição de amar e ser amado. Ao experimentar sensações de angústia e de medo o afeto desenvolve sob a forma de algo experimentado como perturbador, diria Martins [2000], no afeto à expressão não é limitada como na angústia, dito anteriormente. A fobia e angústia articulam o conflito neurótico.

### **1.3.2 - Vínculo Social**

O processo identificatório inaugura uma nova etapa na vida do sujeito, o vínculo social e seus aspectos intersubjetivos. Antes o vínculo objetal justificava o desejo da pulsão pela busca incessante de ser o desejo materno. A castração estrutura o Eu e as instâncias psíquicas. O ser afetado distribui afetos em situações intersubjetivas não só marcando o corpo, mas suas experiências sutis de relacionamento com o outro. Ao substituir o real pelo imaginário pode advir que o mito freudiano de inserir o sujeito humano no social advém dos vínculos primitivos. Freud diz, “a proibição do incesto, tem também uma poderosa base prática. Os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem” (1913/1996, p.147), o parricídio é a experiência subjetivada dos afetos originários e sua manifestação no contexto Edipiano.

O processo de humanização e sua integração na vida social estruturam-se na ambivalência entre o ser e o ter. Estas energias pulsionais constituem o afeto originário. O ser humano enfrenta o mundo e o encara no desamparo ou mal-estar de acordo com a perspectiva Freudiana. A configuração do vínculo social faz sob as

características singulares de um ser pulsional em relação com o social. Ao compreender o funcionamento dessas estruturas faz-se mister reconhecer a função primordial da relação objetal. É um jogo entre o desejo próprio e sua relação intrínseca com o desejo do outro, princípios alicerçados e constituídos de prazer e desprazer. Ou seja, é uma repetição ou recordação de uma experiência. Segundo Enriquez (1999) “o pulsional faz parte do fundamento de cada sujeito e do fundamento da vida social. Torna-se indispensável recorrer-se à teoria das pulsões e dos processos identificatórios para compreender as duas ordens da realidade: a realidade psíquica e a realidade social” (p.17). Compreender os processos de formação do vínculo e a produção de uma subjetividade no imaginário social ancorado pela falta como condição humana. A desordem e a angústia psíquica fundam o vínculo social fantasiando perigos e escolhendo as melhores maneiras de suportá-los.

O vínculo social é trágico, pois ele faz com que o sujeito compreenda que os outros existem não como objetos de satisfação própria, mas na angústia de ser rejeitado e de possuir vontades diferentes dele. Afronta constantemente o seu narcisismo. O investimento pulsional é o de sujeito de seus desejos para acoplar a pulsão entre a proximidade do corpo e o destino pulsional de aceitação e não aceitação.

A experiência humana vivida na prática social sob angústias imaginárias é orientação básica para a socialização. Esses processos são vividos na aceitação e não aceitação de conviver com o outro. O convívio com o diferente é condição sensata para que a alteridade faça o papel de crescer pela diferença e não pela igualdade. A estrutura do grupo familiar perpassa pelo destino do sujeito humano, pois a dimensão do grupal é condição permanente para a formação do pensamento e a aquisição da

linguagem. A formação do vínculo remete ao que Pichon (1998a) escreve, “o processo universal que promove a motivação é o da recriação do objeto que adquire em cada sujeito uma determinação individual, surgida na congregação das necessidades biológicas e do aparato instrumental do Ego” (p.13), o vínculo produz uma superestrutura de poder, constitui e forma a construção de cada grupo familiar. Sendo condição fundamental para a compreensão do comportamento e a experiência vivida no real e no imaginário, o vínculo abrange práticas individuais e coletivas, transformando-se assim no elo da apreensão e organização da vida em sociedade. O entendimento da experiência humana e a atitude configuram a subjetividade humana no afã de ser social.

## Capítulo 2

### Toxicomania e Laço Social

#### 2.1. A Toxicomania como Fenômeno Social

É provável que o primeiro contato do ser humano com substâncias psicoativas tenha ocorrido por volta de 6 a 8 mil anos a. C., quando então, o ser humano vivia em pequenos grupos nômades coletores de frutas, vegetais, e à caça pequenos animais. Estes grupos devem ter coletados frutas já em estado de decomposição ou durante a armazenagem tais frutas entraram em processo natural de fermentação, sendo posteriormente consumidas e gerando tal consumo o efeito euforizante do álcool produzido pela fermentação. Como se sabe, durante toda Antigüidade havia cultos diversos aos poderes das bebidas fermentadas, as quais estavam associadas a deuses, como no caso da Grécia, onde se tem o culto a Dionísio, deus do vinho, e no Egito, a deusa Ísis era também considerada a Senhora da Cerveja e Osíris tinha o mérito de ter ensinado aos homens a fabricar o vinho. Em Roma a deusa Ceres dos cereais e poderes criadores da terra se funde com o deus do vinho. A Antigüidade só conheceu as bebidas fermentadas.

Somente após o século XIII d.C. é que a humanidade passa a conhecer as bebidas destiladas, inicialmente chamadas de "águas da vida" e sendo sua descoberta devido às experiências alquimistas de Arnolde de Villanueva, cabendo ao seu discípulo Raimundo Lulio a difusão da descoberta com o nome já citado.

Além de bebidas contendo álcool e que propiciam estados alterados de consciência, a humanidade conheceu também, desde cedo, outras substâncias

psicoativas, como por exemplo, o ópio, extraído da folha da Papoula.

Hoje se dispõe de relatos sobre a extração da Papoula na Mesopotâmia a cerca de 5 mil anos a. c. , sendo nesta época a mesma já conhecida por egípcios e sumérios, e os primeiros registros históricos da dormideira datam de 5500 a. C. A antigüidade conheceu e se utilizou das propriedades analgésicas do ópio.

Em virtude de suas propriedades, que proporcionavam a eliminação da dor, a tranqüilidade e um estado de alegria os sumerianos se referiam à papoula como a "planta da alegria". O ópio passou a ter um espaço também na mitologia antiga, estando ligado a deuses diversos, como, por exemplo, a deusa Ceres, que teria revelado as virtudes do ópio aos gregos, ou a possível referência ao conhecimento dos efeitos do ópio presente nos atributos do deus Morfeu.

Os efeitos terapêuticos do ópio eram conhecidos por médicos, como, por exemplo, Hipócrates [377-460 a. C.] e Galeno [131-201 a. C.]. Posteriormente, já no século XV d.C. Teofrasto Paracelso fazia uso terapêutico do ópio a tal ponto que se autodenominava Dr. Opiatus.

Cabe destacar que o ano de 1843 proporciona uma drástica modificação no modo de consumir qualquer substância psicoativa, pois até essa época só se podia fazer uso oral, comendo, mascando, fumando, ou via supositórios, etc. Em 1843, com a invenção da agulha hipodérmica, a morfina passa a ser injetada na veia, diretamente na corrente sanguínea, o que aumenta sensivelmente a intensidade e rapidez para obter seus efeitos.

A cocaína e o tabaco, por sua vez, são originários da América, só passando a integrar a realidade cultural do europeu após 1492 (descoberta da América por Cristóvão Colombo). Tanto o uso da planta Coca pelos Incas como também o uso do tabaco pelos nativos americanos, seguiam regras de conduta adequadas à realidade

cultural então reinantes e bem distintas do "homem europeu".

O tabaco chega a Europa no século XVI e se espalha por todo o mundo. O contato inicial do europeu com o tabaco foi deveras tempestuoso, pois historicamente se tem o registro de um confronto entre duas visões distintas sobre o mesmo, o qual tanto podia ser visto como a panacéia que cura todos os males, como também a presença de um pacto com o demônio feito pelos fumantes, e tendo a fumaça como sinal visível deste pacto. Apesar do combate dado por parte de alguns governantes aos fumantes, muitas vezes condenados a morte, a visão positiva do ato de fumar acabou predominando com apoio, inclusive, da comunidade médica, vindo a se impor como um hábito respeitável.

A cocaína teve boa acolhida na Europa, vindo a compor a fórmula de bebidas estimulantes, remédios, licores, tendo suas virtudes elogiadas por personalidades eminentes. Há relatos de europeus sobre o uso que os nativos faziam da planta Coca desde o século XVI. Mudanças da planta chegam pela primeira vez a Europa ao final do século XVI, para uns, e segundo outros, no século XVIII. Em 1857 Karl Von Scherzer leva do Peru para Viena folhas de Coca e as entrega ao laboratório do químico alemão Friedrich Koller e três anos mais tarde, Albert Niemann isolou seu principal alcalóide, denominando-o cocaína e em 1884 Sigmund Freud e Karl Koller realizaram experiências sobre sua ação anestésica, sendo Freud o primeiro cientista a fazer uma descrição detalhada dos efeitos da cocaína quando inalada. A partir de 1886 o aspecto negativo do uso da cocaína começa a ser destacado, primeiramente por Erlenmeyer que a chama de terceiro flagelo da humanidade [após o álcool e o ópio] e logo a seguir por Freud, que revê suas opiniões sobre o uso médico da cocaína.

Recentemente e a partir da cocaína, entraram no rol abusivas variações, tais



como fumar a pasta de coca/cocaína - base misturada ao tabaco ou maconha [1974, Lima – Peru], fumar *free* base/base livre de cocaína misturada com óleo [1974, Califórnia – EUA], fumar pedras de *Crack* [1981 Los Angeles - 1984, Nova Iorque - 1986, Europa].

Os nativos incas mascavam folhas de Coca em uma mistura denominada cocada. Cabe ao europeu, no século XIX isolar seu principal alcaloide, a cocaína, o que permitiu um outro uso desta droga e um modo mais intenso de obter os seus efeitos. Desde a cocada dos Incas, até o atual *Crack*, os efeitos da cocaína continuam os mesmos, só variando em intensidade e rapidez de atuação. Enquanto o álcool em pequenas doses é estimulante do SNC e em doses maiores atua como depressor do SNC, a cocaína irá sempre atuar como droga estimulante.

Desde o século XVIII (óxido nitroso ou gás hilariante) e século XIX (clorofórmio), ou seja, as drogas inalantes passam a conviver mais amiúde com o emprego de substâncias psicoativas por inalação. Claro que o tabaco, a cocaína e etc., também podem ser inalados, mas normalmente reserva-se o nome de inalantes a um grupo particular de substâncias psicoativas: os solventes orgânicos (hidrocarbonetos), nitritos voláteis (amilo, butilo, isobutilo) e óxido nitroso. Dentre as quais se destacam hoje em nossa sociedade diversas substâncias, sendo as mais conhecidas pela divulgação na mídia a cola de sapateiro e o lança perfume.

Não podemos esquecer de mencionar a planta *Cannabis Sativa L.*, da qual se obtêm o haxixe e a maconha. Encontra-se referência histórica do conhecimento da *Cannabis* já em manuscrito chinês datado de 2737 a.C. e segundo alguns autores, a mesma já era conhecida pelos chineses no período neolítico, na cultura Yang Chao há cerca de 6500 a.C. Encontram-se, também, referências a *Cannabis* na literatura sagrada indiana a partir de 2000 a.C. sendo a resina extraída da *Cannabis Sativa*

mencionada no quarto dos Vedas como *Vijahia* [portadora da felicidade ou fonte de felicidade] ou *Ananda* [provocadora de risos]. Há quem defenda que a *Cannabis* também era conhecida na América Pré-Colombiana pelos Maias e Astecas.

A maconha e o haxixe são classificadas como drogas alucinógenas por provocarem alterações na percepção dos sons, cores, textura, afetando os cinco sentidos. No entanto, não provoca alucinações e delírios como os observados com o uso de ácidos presentes em determinadas plantas chamadas de plantas de poder e conhecidas na América Pré-Colombiana e na Europa desde uma época remota. Também há os ácidos obtidos de modo sintético, tal é o caso do LSD-25.

Tranqüilizantes e barbitúricos propiciando a depressão do SNC e anfetaminas e *ecstasy* proporcionando a estimulação do SNC aparecem presentes em nossa realidade cotidiana. O primeiro barbitúrico a ser sintetizado surge em 1903. Trata-se do dietilbarbitúrico (Barbital) que no mercado é conhecido por Veronal e foi sintetizado pelos químicos alemães Emil Hermann Fischer e Joseph Von Mering. Já foram sintetizados mais de 2500 derivados do ácido barbitúrico, mas somente cerca de 50 foram introduzidos no mercado e destes apenas cerca de 15 ainda permanecem em uso. Já os tranqüilizantes tiveram o seu desenvolvimento por volta de 1950 e seu emprego clínico se ampliou nas décadas seguintes. Os tranqüilizantes substituíram os barbitúricos em parte significativa de sua aplicação clínica por conseguirem induzir à calma e à tranqüilidade sem a sonolência provocada pelos barbitúricos. Por sua vez, os tranqüilizantes se dividem em menores ou ansiolíticos [benzodiazepínicos] e maiores [neurolépticos].

Já as anfetaminas foram originariamente sintetizadas em 1887 por Edeleano, mas só começam a ser comercializadas em 1932, tendo amplo emprego durante a Segunda Guerra Mundial, por parte dos soldados durante o conflito, e após 1950 seu

uso se espalha por estudantes, donas de casa e a sociedade em geral até a década de 60, quando seu uso passa a sofrer severas restrições governamentais. O *Eccstasy*, como também o *speed*, é um derivado das anfetaminas tendo sido originariamente sintetizado e patenteado em 1914 e que irá reaparecer sob nova roupagem no verão de 1987 no balneário espanhol de Ibiza, vendida ilegalmente e associado à dança, ao sexo e a um determinado estilo de vida.

Portanto, a problemática originada do convívio social com substâncias psicoativas não é algo novo surgido no momento presente ou nas décadas de 1960/70. Tal problemática acompanha a própria história evolutiva da humanidade e das diversas tentativas de interações socioculturais. Lembrando Rouanet (1998), o máximo, que foi oferecido ao indivíduo foi uma magra recompensa de viver num mundo de ilusões.

## **2.2. Toxicomania e Vínculo Familiar**

A dificuldade em reparar perdas arcaicas pode levar o sujeito à toxicomania. Cada sujeito se vicia por caminhos singulares e vive uma onipotência imaginária, um namoro com a morte, onde não há a castração, e, por conseguinte, não tem a falta. A história individual no uso de drogas é também um sintoma de um desequilíbrio familiar e os mitos característicos de cada família, as patologias e a comunicação no grupo familiar são elementos importantes para estabelecer uma discussão profícua sobre tal problemática. Aponta Pichon (1998b), “podemos mostrar um esquema familiar que se mantinha em determinado equilíbrio até, que, em um dado momento, ocorre uma ruptura interna com perda desse equilíbrio, surgindo tensões que

desencadeiam uma psicose particular em um de seus membros” (p.7). A droga é um objeto perfeito para o gozo, nada falta, fica suspenso e o sujeito não é desejanter.

A toxicomania enquanto ato diz respeito ao alvo, ao passo que o vínculo com a família diz respeito ao objeto. É para a questão do ato que a família converge e não para a totalidade do grupo familiar. Como entender a família do toxicômano enquanto objeto pulsional? A toxicomania é sinônima de família desorganizada quanto aos modelos identificatórios. O sujeito desaparece e somente o corpo funciona. A droga é um objeto pleno, apaga a subjetividade é um corpo funcionando sem subjetividade. Qual é o enigma desse objeto frente à pulsão? É relação familiar obscura que desaparece na descontinuidade com o grande Outro. A droga enfrenta a pulsão sob dois aspectos: fuga do desamparo ou uso para sair do sufoco.

Se o vínculo é uma estrutura dinâmica em continuo movimento, englobando o sujeito e o objeto, normal e patológico, então se remete à relação entre contingência e a sexualidade. É a totalidade, que se emerge do sujeito humano e sua relação de interação dialética, que lhe permite desenvolver suas relações interpessoais. É necessário definir o que é objeto. Na teoria freudiana (1915/1996), o primeiro objeto de atração é uma pessoa, “chamemos de objeto sexual a pessoa de quem provém atração sexual, e de alvo sexual a ação para qual a pulsão impele” (p.128), pode haver múltiplos desvios quanto ao objeto e as patologias surgidas nessa relação e que possibilita advir o que é normalidade. A definição de pulsão está intrinsecamente ligada à sexualidade. A falha do objeto da realidade externa fragiliza o Ego do sujeito, limita a sua percepção. A droga enfrenta o desamparo com o escapismo da realidade externa.

As relações com os objetos identificatórios levam a entender como cada sujeito relaciona com os outros e estabelece os laços de amor e ódio. “O objeto não é

necessariamente algo estranho poderá igualmente ser uma parte do próprio corpo do indivíduo”, diz Freud (1915/1996, p.128). A batalha do sujeito com a vida é uma sucessão de idas e vindas para configurar a sua identidade. O imaginário do sujeito e suas relações com o poder estruturam as relações objetais.

De acordo com a concepção lacaniana do estagio do espelho, os ideais identificatórios emergem de um espelho real ou simbólico, capaz de romper a fusão com a mãe. Segundo, Olievenstein (1985) a toxicomania fez de seu alvo identificatório um espelho quebrado, em que não se rompe a fusão simbiótica. Então, a experiência da castração só é vivida efetivamente após a quebra do vínculo dual. O vínculo dual representa uma vivência de satisfação imediata dos desejos. “Assim como a tomada da droga, o "demonstrativo" assume o poder, em lugar daquilo que a tradição oral familiar ocultou”, conforme Olievenstein (1985, p.85), há a falsa idéia do bem-estar livre de sua subjetividade. O espelho da identificação ao quebrar provoca um "desequilíbrio" ou ruptura e o poder assume através de palavras que não acontecem. A transmissão da lei paterna é feita no vazio da angústia, o sujeito não encontra seu lugar em lugar nenhum. O significado das palavras é vazio e a Lei é inscrita em lugar nenhum. A fantasia da "cultura do tudo pode" abre o caminho da toxicomania. “Essa história é a dívida, da falta inicial, da abertura inicial, que toma no futuro toxicômano uma proporção desmesurada. Quanto maior a desproporção mais despedaçado estará o espelho, tornando a dívida ainda mais impagável”, conclui Olievenstein (1989, p. 86).

### **2.3. A toxicomania como “objeto” da clínica**

Existem algumas especificidades quando se trata da escuta de sujeitos toxicômanos. A demanda no tratamento e a transferência possibilitam compreender a variedade de suas manifestações. O uso de droga é entendido de maneira grosseira e ligado a uma imagem de delinquência expressa na linguagem do senso comum ligada aos termos “viciado”, “drogado”, ou expressões originadas no seio de uma hierarquização institucional no âmbito social. A toxicomania deve ser pensada como produção cultural. Amplia a visão ao entender o fenômeno não somente na esfera médica e sim como o toxicômano representa a si mesmo através de sua experiência com a droga.

O uso da droga como um regime não somente substitutivo, mas como prática cultural estabelece uma necessidade de elaboração analítica para o entendimento do fenômeno toxicomaniaco. Existe uma diversidade quanto ao uso de drogas bastante divulgado pela mídia, mas também historicamente no interior das sociedades. A não redução desse fenômeno à “doença” ou “quadro psicopatológico” propagado pelas ciências médicas para enquadrar-se nos compêndios médicos é reduzir um fenômeno social aos princípios que regem a medicina. Os critérios de diagnóstico são especificidades que a medicina utiliza para caracterizar ou nomear transtornos e enquadrá-los em condições possíveis para o tratamento medicamentoso.

O DSM-IV é um conjunto de critérios diagnósticos que a medicina utiliza para melhorar a confiabilidade dos julgamentos diagnósticos. O uso de droga é descrito e enquadrado em padrões, que permitem entender a dependência ou abuso de substâncias tóxicas e especificar categorias nosográficas para compreender o uso e intervir com soluções medicamentosas. Leia-se então no DSM-IV que o uso de

substâncias são categorizadas como transtornos, quanto ao próprio uso e quanto à abstinência, então, os critérios enquadram o sujeito somente em categorias, não levam em conta o social.

O DSM IV convencionou o uso de substâncias tóxicas assim, “um padrão mal adaptativo de uso de substância, levando o comprometimento ou sofrimento clinicamente significativo, manifestado por três [ou mais] critérios, ocorrendo em qualquer momento no mesmo período de 12 meses”. Isto é um consenso entre os clínicos a fim de permitir que o tratamento seja incluído em uma categoria diagnóstica para apoiar a intervenção medicamentosa. Nesta perspectiva, perde-se a condição de enxergar o sujeito na sua totalidade e não se levam em consideração os aspectos subjetivos individuais e a maneira singular de configuração da estrutura psíquica.

A clínica psicanalítica abre uma vertente e proporciona uma ampliação de um entendimento que ora se contentava em entender a toxicomania pautada somente pela ingestão ou abstinência de substâncias. Devem-se compreender a desorganização psíquica individual com o uso de substâncias tóxicas e sua expressão no social, bem como a eleição do sujeito toxicômano perturbador do núcleo familiar.

O objeto simbólico do desejo na toxicomania é o prazer e a necessidade, é a fixação em um objeto prazeroso. O toxicômano busca incessantemente o prazer e a transferência perdida com o outro. A droga toma o lugar do objeto de prazer e configura a necessidade. Fédida (1997) diz, “durante as psicoterapias com toxicômanos, com freqüência somos surpreendidos por essa equivalência substitutiva que eles concedem à sua droga, como se ela fosse sua verdadeira vida psíquica, fora do qual nenhum pensamento, nenhuma imaginação ou sensação, nenhuma linguagem existisse” (p.31), a partir de uma atitude de aproximação do sujeito com a

droga pode propor condições para um estudo acurado na clínica.

A perspectiva psicanalítica realiza dentro do possível uma aproximação clara e criativa na experiência do toxicômano. O sujeito é compreendido pelo engano que escolhendo a droga como objeto de prazer e de conquista da terra do nunca, alude ao clássico infantil Peter Pan. Pensar a toxicomania como escravidão é reducionismo, é falta de explicação satisfatória e polariza o estudo da toxicomania na relação usuário-dependente. “Desconhece-se a dimensão do sujeito e do chamado momento sócio-cultural”, Martins (2003, p. 287). Então amplia-se o propósito de investigar no sentido da ênfase a constituição da subjetividade do toxicômano. O que parece ser essencial desses tipos psicopatológicos é a incapacidade de pensar e a substituição do pensamento pela ação.

A relação sujeito-droga é a de matar um objeto de desprazer com um objeto de necessidade. Isto é totalitário, completa. Instala uma insatisfação crônica de frustrações e tédio no mais arcaico do ser humano e na pergunta eterna e angustiante da falta, Quem sou eu? O que me falta? Ao fugir desses estados crônicos em busca de alívio da tensão o toxicômano estabelece um “*acting out*” como forma de comunicação com a realidade externa, lógica proposta por Kehl (2000). A comunicação verbal é falha, a fala é substituída por atos como forma excessiva de controle e manipulação da realidade externa. O controle compulsivo e a necessidade imperativa de usar a droga são dispositivos que possibilitam o sujeito perder o acesso aos objetos. A droga cumpre a função de interditar o anseio, ou seja, a propensão de realização. O sujeito perde o acesso aos objetos estabelecendo uma relação negativa com o objeto de desejo, a droga.

Reconhecer o outro como diferente fica impossibilitado, o sujeito, não percebe o outro separado de si, o toxicômano está ligado ao prazer e à angústia. A



presença da droga é o encontro com o sofrimento. Retira o sujeito do real e o coloca na angústia de morte, na ausência do mundo. A solidão é o combustível que anula o tempo vivido movendo uma ansiedade intensa e persecutória num transe solitário e incomunicável. O investimento libidinal é maciço e descontrolado, então, busca “desvios” que o levem a satisfação plena. O “barato da droga” é pago com um preço alto no intuito de tentar uma “economia psíquica” e obter o prazer.

Na literatura corrente é sabido que existe uma mínima tolerância e quase nenhuma capacidade de espera no toxicômano. A deficiência é observada na incapacidade de compreensão do princípio de realidade através de suas funções psíquicas, a frustração impede que o desenvolvimento do pensamento ocorra na forma dita “normal”. O toxicômano fica parado à beira do caminho. A intoxicação poderia ser uma busca inconsciente dessa regressão? A regressão de uma criança, “um perverso polimorfo, obrigado a alucinar permanentemente e de maneira desmesurada do real”, aponta Olivenstein (1989, p.86). Ao buscar o alívio para as tensões o toxicômano bloqueia o afeto como forma defensiva de estar em contato com o seu mundo interno.

A construção do conceito de toxicomania possui caracterizações e comportamentos que conduzem não ao uso esporádico da droga, e sim, o toxicômano como uma adicção ou dependência. O substantivo “adicção” não existe a rigor na língua portuguesa sendo um neologismo, porém encontra o adjunto adicto. "A síndrome de dependência, é descrita por um conjunto de fenômenos fisiológicos, no qual o uso de uma substâncias alcança uma prioridade muito maior para um determinado indivíduo que outros comportamentos que antes tinham valor." (Organização Mundial da Saúde - CID 10, 1996).

O dependente, portanto, é alguém que desenvolve um comportamento que

não sabe controlar. Mas não há uma fórmula para se saber quem, entre os usuários de drogas, vai se tornar dependente. O terreno é de possibilidades, de riscos, de situações relativas.

A palavra "droga" tem origem grega, e a palavra adicção possui sua origem no latim *addictum*, expressão empregada na época do Império Romano para designar a condição daquele que preferia por livre e espontânea vontade abdicar de sua condição de cidadão romano e assumir-se como escravo visando a saldar dívidas e compromissos financeiros provenientes de sua condição anterior de cidadão. Ao se empregar o termo drogadição, ressalta-se que a dependência química se instala a partir de um ato de liberdade do indivíduo em escolher esta nova condição e que a partir desta escolha, este perde parte de sua própria identidade, deixando sua condição de liberdade e assumindo como escravo, cujo senhor todo poderoso agora é a droga eleita.

O que parece essencial desses tipos psicopatológicos apresenta um aspecto pragmático e uma maneira de funcionamento psíquico. Funcionamento este que cita Martins (2003), "no coração da constituição do sujeito como proprietário de seus enunciados, com um arrombamento do EU, de uma maneira incisiva, surpreendente, que o impede de agir e pensar" (p. 254). A busca incessante por objetos externos desde o álcool, o cigarro e até a heroína no intento de bloquear a angústia constante e a intensidade imposta pela ansiedade persecutória levando-o a defender-se do meio externo e suas ameaças. O que caracteriza a adicção é o prazer pelo uso, à descarga imediata da angústia, que proporcione um princípio de prazer, Freud diz "ele busca evitar o desprazer que seria produzido pela liberação do reprimido" (1920/1996, p.31). A compulsão pela repetição possibilita rememorar um passado de experiências sem qualquer valor de prazer. No caso da dependência de drogas, pode-se relacionar

que num determinado momento sobrevir a falta de prazer.

A adicção pode ser entendida como um ponto de vista econômico, já que enfatiza a ação como descarga. É a procura constante do prazer fora de si próprio e de solução dos problemas internos, que, assim, caracterizam uma “personalidade adicta”. Ao conflitar com a resolução dos problemas internos é notória a transitoriedade do objeto na adicção, que se renova continuamente.

A clínica da toxicomania é um eterno mecanismo de vaivém. A relação terapêutica na clínica do toxicômano é sustentada pela dependência e na repetição estabelecidos no movimento da relação com o terapeuta. Olievenstein (1985) enfatiza que “é dessa maneira que a clínica se constitui, sem jamais perder de vista este procedimento e seu sentido, chegamos passo a passo a apreender, não o que é toxicômano, mas o seu modo de proceder” (pp.54-55). A vivência do sujeito, e suas relações de poder, os fragmentos culturais e estruturais (do movimento que parece fixo) são estes os elementos que a clínica do toxicômano busca para compreender a causa e a sintomatologia do comportamento.

O objetivo de dar sentido ao entendimento da toxicomania é a oportunidade de ampliar e descerrar os problemas, que envolvem o funcionamento da consciência e a vinculação das ações adictivas e o desejo violento de defender o desprazer. O jogo terapêutico é relacional e neste jogo são expressas as feridas de rupturas na expressão de conflitos e de impasses, que o desmembramento do Ego fez ao longo da vida do toxicômano. A clínica do toxicômano tem por realizável e viável juntar partes do espelho quebrado que entrelaçam o real e o simbólico e suas expressões conscientes e inconscientes (Olievenstein, 1985). “O toxicômano não é autista, ele não vive um sistema morto, ele grita bem alto sua ferida, recusa-se a ser esta carne devorada pelos habitantes das cavernas” (p.56). Compreender o funcionamento

global do toxicômano seja na família, no social e com ele mesmo estabelecer uma verdade que possa ser vivida na relação terapêutica.

A toxicomania é tomada por eventos mentais regulado pelo prazer e desprazer como redução de tensão desagradável, como assinalara assinala Freud (1920/1996). O masoquismo é persistente na “personalidade adicta” e representa uma reação negativa na transferência. Cita Freud (1924/1996), “se o sofrimento e o desprazer podem não ser simplesmente advertências, mas, em realidade objetivos, o principio do prazer é paralisado – é como se o vigia da nossa vida mental fosse colocado fora de ação por uma droga” (p.177). É um estado de passividade masoquista que denota uma perversão do caráter. O estudo da toxicomania como um caso especial de adicção abre uma perspectiva para uma discussão abrangente da questão. Romper com os outros a partir dele, o toxicômano é a negação de si dada a si mesmo (Olivestein, 1985). A contribuição da psicanálise esclarece o modo de funcionamento mental subjacente à toxicomania e ao uso de drogas ao aproximar e fazer sentido a esse objeto.

#### **2.4. A Psicanálise e a Clínica da toxicomania**

A transferência pode ser entendida como o encontro entre sujeitos e nessa interação se estabelece um vínculo afetivo intenso, que na relação terapêutica permite exercer um efeito positivo ou negativo pela mera ação da fala e da escuta (Freud, 1912).

Assim como Freud (1912), Lacan (1960) propõe que o lugar da fala é manifestado na ambivalência de sentimentos. O sujeito em processo analítico se

depara com a falta, metaforicamente chamada de castração, do que ele não sabe (Lacan, 1960). É nesta dialética que a transferência ocorre em uma via de “mão dupla”. A transferência manifesta-se não somente em relação analítica, mas, no cotidiano de relações do sujeito.

Ao pensar em fazer entre uma analogia com a dialética no diálogo de *Fedro* com *Platão*. O diálogo é constituição do mito platônico e pode servir como entendimento do lugar do Outro na toxicomania, bem como objeto da clínica.

Tomar como referência as contribuições de Derrida (2005) para entender o processo de formação do *phármakon*, então diz o autor, “Farmacéia (*Pharmákeia*) é também um nome comum que significa a administração do *phármakon*, da droga: do remédio e/ou veneno.” (p.14). O *phármakon* ao mesmo tempo em que é remédio é veneno, é dialético, é ambivalente quanto ao uso e quanto à fala. É nesta simbolização que se ampliam os significados e significantes da toxicomania na clínica e sua relação transferencial do sujeito toxicômano e o analista.

Re-significar o lugar que o sujeito toxicômano ocupa em relação a diferentes posições experimentadas ao longo de sua vida. Supondo que o sujeito toxicômano desta maneira “experimente” diferentes momentos sobre o lugar inconsciente que lê ocupa ao fazer uso da droga. Segundo Lacan (1960), “está ai toda a implicação inconsciente, do ele não sabe fundamental. E por aí que se estabelece a ponte que pode ligar nossa nova ciência a toda tradição do *conhece-te a ti mesmo*.” (p.45).

O sujeito ao falar proporciona uma escuta. A escuta ocupa um lugar muito próximo aos lugares parentais, pai, mãe e o continuo falar é impregnado de um deslocamento que está recalcado. A utilização do *phármakon* como remédio na fala, faz o sujeito experimentar uma mudança de lugar, e, conseqüentemente, ocupar uma posição diferente do *phármakon* produzido pelo veneno da droga. O lugar do sujeito

toxicômano é o da falta, do vazio já mencionado. A mudança de lugar que a escuta propõe, através de inversões dialéticas ficam explícitas no discurso entre *Fedro* e *Sócrates*, diz Derrida (2005):

Fedro:...Tú fazes crer que és um estrangeiro que se deixa conduzir, e não um natural deste lugar. Fato é que não deixas a cidade nem para viajar além das fronteiras nem, pensando bem, que eu saiba, para ultrapassar os Muros!

Sócrates: Seja indulgente comigo, meu bom amigo: veja, gosto de aprender. Assim, o campo e as árvores nada me ensinam, mas sim os homens da cidade. Tu, contudo, parece ter descoberto a droga para me fazer sair! (*dokeis moi tês emês exódou tò phármakon kuerekénai*). Não é agitando diante dos animais, quando eles têm fome, um ramo ou um fruto, que os conduzimos? Assim tu fazes a mim: com discursos em folhas (*en biblíois*) que seguras diante de mim, facilmente me farás circular através de toda a Ática, e ainda além, onde bem quiseses! De qualquer forma, uma vez que cheguei até aqui, quanto a mim, prefiro deitar-me! Toma a posição que julgares cômoda para ler e, quando a tiveres encontrado, faça tua leitura [230 d e]. (p.15).

O fazer analítico é pautado pela escuta do sujeito e suas especificidades na relação triangular simbólica entre a “queixa”, como demanda, a transferência e o

lugar do analista. O fazer analítico é manejar o *phármakon* como o remédio da fala, assim como fez *Fedro* em relação a *Sócrates* sair da posição em que encontrava. No sujeito toxicômano o *phármakon*, sendo veneno, o fez sair dos rumos e das leis gerais, naturais ou habituais. Ao re-significar o lugar junto com o sujeito toxicômano o analista é o suposto e não o saber (Rassial, 1999).

Definir a droga como objeto da demanda proporciona uma intervenção no valor do significante e da relação com o Outro. A dificuldade no tratamento com toxicômanos reside no fato da alteridade estar excluída. A posição do analista é retomar a função simbólica e interditar a relação de dualidade, não enfrentando de maneira direta a droga, tendo o cuidado na identificação com o sofrimento do sujeito toxicômano. “O toxicômano tenta rearticular a demanda em torno de uma nova necessidade; ele evita assim o desejo, na medida em que este sustenta numa falta do lado do objeto e numa divisão do lado do sujeito”, diz Rassial (p.115, 1999). O *phármakon* (veneno) na toxicomania tem a função de anestesiá-lo o sofrimento, a dor, e a subjetividade.

Segundo Winnicott (1975), existe no relacionamento mãe-bebê um tipo afetivo, caracterizado como possessão. Na falta da presença materna, o bebê se apega a objetos (dedos, boneca, ursinho, etc.) para sua pura satisfação oral, sendo estes, objetos transacionais ou fenômenos transacionais. Estes objetos designariam uma área intermediária na experiência humana de manter as realidades internas e externas em separado, mas inter-relacionadas.

Tanto o objeto transicional como o objeto droga utiliza de uma experiência ilusória que re-cria um “não-eu”. O sujeito toxicômano re-significa através de uma substância da ilusão (Winnicott, 1975) seus objetos transicionais anteriores.

O objeto transicional está ligado entre a fantasia e o fato primário na eleição

de objetos internos e externos. Winnicott (1975) afirma, “com isso quero dizer que, na saúde, o objeto transicional “não vai para dentro”; tampouco o sentimento a seu respeito necessariamente sofre repressão. Não é esquecido e não é pranteado” (p.18/19). Neste ponto autores como Rassial (1999) e Winnicott (1975) fundamentam o nosso trabalho, esboçando uma diferenciação entre o uso de drogas e a toxicomania, principalmente esta última associada ao brincar.

O sujeito toxicômano utilizaria a droga como continuidade do brincar, não lúdico, mas destrutivo e perpetuando o ofício de uma transição simbólica inacabada. A ilusão ocupa o papel principal no objeto transicional, cumprindo a tarefa de aceitação de uma realidade que nunca é completada. A ilusão é abastecida de tensão entre a realidade interna com a externa. O sujeito toxicômano organiza sua vida psíquica numa fixação por condutas mágicas de perpetuação do gozo. Sendo a continuidade da área intermediária entre a ilusão/desilusão ou o prazer/desprazer, o sujeito toxicômano se parece com uma criança que se “perde” no brincar. O objeto transicional droga cumpre o papel de mediar entre o fora e o dentro, põe o desejo em falta.

Na abstinência podem surgir momentos de solidão sob a ameaça da mudança de humor. A droga neste instante é objeto de demanda, o ato do drogado fica preso aos significantes e na posse de um “não-eu”, o que poderia provavelmente manter oculto um perturbado desenvolvimento emocional.

De acordo com Lacan (1995) “a privação em sua natureza de falta, é essencialmente a uma falta real. É um furo.” (p.36), portanto, o objeto da castração é imaginário e como tal, na toxicomania, a abstinência [manque] faz reviver o furo na cadeia simbólica feita pela fala paterna, o Nome-do-Pai. É a ausência no real que é puramente simbólica (Lacan, 1995). Compreender a demanda das práticas



toxicomaníacas e o que organiza o conjunto da vida psíquica na prática do sujeito toxicômano é condição *sine qua non* para entender o gozo cada vez mais efêmero, no qual, a droga proporciona uma fixação no vazio que dá sentido ao imaginário do sujeito toxicômano.

O estágio do espelho expressão usada por Lacan (1995) para designar uma operação de um momento psíquico, durante a qual a criança se identifica com a imagem do seu semelhante e reconhece a sua própria imagem. Ao tomar a metáfora do espelho Olievenstein (1985) utiliza a expressão espelho quebrado, que leva o toxicômano a tomar a imagem do Outro refletida em um espelho quebrado. Entende-se que o sujeito toxicômano tenta reviver ou prolongar a atmosfera de gozo, na posição da criança pequena, anulando assim a quebra. Relacionando nesse estágio, o não-dito da tradição oral familiar como regra. O sujeito toxicômano não se confronta com a interdição do Édipo, da falta inicial, vinda do exterior. A busca de símbolos e significantes representados diante dele pelo espelho do não-dito. Cita Martins (2003),

A experiência da separação mostra a importância da dimensão do contato. É a partir das rupturas do contato que pode desenvolver-se aquilo que chamamos de timopatia, isto é, a disposição para experimentar distúrbios psíquicos da ordem do humor, tais como as psicoses afetivas e as toxicomanias graves o evidenciam (p.50).

Quando a separação vivida no desmame é miseravelmente realizada pelo vazio do não-dito, como consequência aumenta a ferida narcísica (desejo de fusão) compromete-se a instalação da alteridade e da intersubjetividade.

Portanto, pode-se predizer que o vínculo do sujeito toxicômano com Outro (semelhante) é um fio tênue “colado” pelo objeto-droga. O espelho proporcionado pelo Outro é numa relação fusional, que não separa, e, somente, reflete imagens “opacas”. O sujeito toxicômano alucina no intento de “colar” o espelho quebrado. O espelho quebrado é uma experiência individual e quanto maior a desproporção na identificação mais despedaçada estará a imagem no espelho. Segundo Olievenstein (1989) é incisivo, ao dizer que uma identificação ligada a não-identidade proporciona o culto de um objeto que venha substituir um Deus morto. O sujeito toxicômano se fixa num estágio fusional não reconhecendo a possibilidade de um não-goço. Frente a esta falta de um goço-prazer, ele busca “colar” com a droga os pedaços quebrados de um espelho perdido.

A falta inicial é simbólica e na toxicomania o objeto-droga faz a função de “colar” os fragmentos de um espelho quebrado. “O futuro toxicômano é, como a criança, um perverso polimorfo obrigado a alucinar permanentemente e de maneira desmesurada o real. Isso parece evidente quando se estuda a infância de tais sujeitos“, acrescenta Olivienstein (1989, p.89). Então suportar na transferência a presença do Outro [analista], ao interditar o goço ilimitado, é uma função árdua, mas necessária. A “desconstrução” do Outro na toxicomania. Expõe as representações individuais e coletivas por meio de um transe na construção de mitos.

A posição do analista é de suma importância para que a transferência ocorra. Segundo Rassial (1999), existem três posições em que um analista não deve se colocar. A primeira posição é como a de um adulto, cuja lógica é se pôr no discurso do “sabe tudo”. Segundo o autor, a rejeição aqui é instalada por parte do sujeito toxicômano. É uma relação médica e o tratamento é uma obrigação, ou seja, não há uma responsabilidade com o terceiro, é uma relação dual. É uma tentativa de

subjugar e seduzir em benefício de uma autoridade que detém o poder.

A segunda posição é a de cúmplice, o analista se identifica com o discurso do sujeito toxicômano, sustentado por uma atitude pederástica. É contratransferência e o perigo de tornar uma relação analítica totalmente erotizada que busca um fim na fraqueza egóica do sujeito.

A terceira posição é o analista ser considerado como um mestre, um personagem sem defeito tendo resposta para tudo, assujeitando o toxicômano. O analista, ao ser o “dono da verdade”, não abre questões, somente as encerra.

Portanto, existem dificuldades para estabelecer uma clínica psicanalítica, seguir o ensino freudiano é levar em conta a abstinência do analista frente ao não-dito e proporcionar ao sujeito toxicômano um dizer ao re-significar a relação na transferência, bem como a possibilidade de mudança de lugar. Escreve Rassial (1999), “mas há do que desconfiar se o toxicômano chegar a nos reconhecer positivamente: não porque ele se comportaria segundo sua conduta habitual, mas, pelo contrário, porque você teria conseguido, ou confortar o sintoma, ou então aliená-lo tanto quanto o tóxico o faz.” (p.119).

Seria então possível a análise em toxicômanos? Segundo Rassial (1999), lidar com os fantasmas é o objetivo da análise em neuróticos não-toxicômanos em primeiro tempo, para depois num segundo tempo, “desconstruir” as figuras do Outro, ao qual, se está assujeitado. De acordo com Bucher (1992),

...guiado pela experiência hipnótica, Freud descobre assim a 'magia das palavras sobre o corpo', com que se esvazia a concepção do 'corpo estranho' tóxico, bem como a idéia de um 'agente provocador' funcionando no 'órgão psíquico' do corpo biológico (p.279).

No que respeita ao lidar com o sujeito toxicômano na análise, como bem sabe movido pelo desejo de solução definitiva para sua angústia de ter que viver em limitações intoleráveis ao inverter a lógica da análise, quando num primeiro tempo, reviver de forma simbólica e na transferência com escuta, todas as resistências do toxicômano em relação ao Outro. Para depois, num segundo tempo, permitir a análise dos fantasmas.

## Capítulo 3

### A Toxicomania como Objeto transicional: um estudo clínico

#### 3.1. Percurso Clínico

O dispositivo clássico da escuta psicanalítica é o dispositivo criado por Freud, cujo modelo é o da clínica médica, ou do atendimento clínico e consultório. Porém, a difusão da psicanálise, seja pela consolidação histórico-social da psicoterapia como prática clínica reconhecida, seja como tratamento. Reconhecido no campo da saúde das pessoas, produziu a necessidade e a emergência de novos meios, novos instrumentos para dar suporte à prática da escuta psicanalítica e outras instituições que não o consultório particular.

Alguns autores podem ser citados como exemplos atuais de esforços consistentes de desenvolvimento de dispositivos de escuta psicanalítica em meio a serviços de saúde, em especial, serviços hospitalares (Brun, 1999; Campos, 1999a, 1999b, 2000; Del Volgo, 1998, 1999a, 1999b).

Pode-se dizer que o trabalho psicanalítico acontece quando convergem, quando funcionam, ao mesmo tempo, três condições: na disposição das formações inconscientes para se manifestar, através de formações inconscientes (Freud, 1901/1996); um certo contingente, um espaço propício para seu acolhimento, ou seja, um espaço de encontro intersubjetivo, um vínculo transferencial poder-se-ia assim dizer; e a presença neste vínculo de um profissional apto a reconstruí-lo, formado para o trabalho de interpretação e enfrentamento da resistência.

A clínica da toxicomania é, em si, um objeto tão complexo que o próprio Freud não aceitava toxicômanos em análise. Do mesmo modo Olievenstein (1985), e Rassial (1999), indicam as dificuldades da clínica psicanalítica com este tipo de sujeitos.

Considerando também os limites acadêmicos do mestrado, optou-se, no âmbito deste trabalho pelo uso de entrevistas do tipo clínico. O conjunto de pesquisa tem como referencial a psicanálise, seja como um quadro conceitual, seja como um método de prática clínica de escuta dos discursos e de leitura de textos; método que permanece estritamente subordinado ao campo e à função da fala, da linguagem e da escritura.

A entrevista clínica tem por base a ausência de eixos, temas ou perguntas prévias que venham condicionar as associações do entrevistado. Uma vez feito o *Rapport*, ou seja, estabelecido um certo contato da entrevista e uma certa identificação, a entrevista se desencadeia no fluxo mesmo do discurso, conforme direções e associações próprias ao sujeito. No nosso caso específico, não se pode negligenciar o fato que o primeiro sujeito, o pai, foi contatado dentro de um serviço para drogadictos, o que faz com que a droga torne o pano de fundo das interações, e a “busca de ajuda”, por parte deste pai, funcione como uma certa predisposição à transferência. O lugar do entrevistador é de algum modo, o de duplo do “médico” ou daquele que é “portador da ajuda”. Do mesmo modo, o segundo sujeito é contatado com a mediação da figura do pai deste segundo sujeito: o entrevistador telefona para o sujeito em “nome do seu pai”.

Assim o material analisado provém de entrevistas clínicas. No que se refere à transcrição do material discursivo das entrevistas, procurou-se aplicar a recomendação de Freud de relatar de memória as trocas intersubjetivas e o discurso

do sujeito, logo em seguida a entrevista. Durante a entrevista, o método psicanalítico requer uma “atenção flutuante” (Gori, 1998) no momento da escuta, o que recusa a tomada de notas no momento da mesma. A análise do trabalho de memória do profissional, as lacunas e deformações, na reconstrução da sessão, fazem parte da análise da contratransferência, e funcionam como indicadores dos efeitos das palavras do paciente na escuta do entrevistador. O Método de análise, evidentemente, é o da interpretação, mais exatamente da construção, tal qual o define, na base, Freud (1937/1996).

A entrevista da pesquisa foi o acompanhamento do Grupo de Pais no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS-Girassol), em que se atendem pais que buscam ajuda quanto ao problema de filhos usuários de droga. O entrevistador acompanhava o Grupo de Pais, que se reuniam duas vezes por mês nos períodos vespertino e matutino. O Grupo de Pais tem um número de participantes, que variavam entre seis a oito participantes. Os Grupos eram coordenados por uma psicóloga funcionária do CAPS. Os Grupos de Pais eram freqüentados por mulheres casadas, ou separadas, ou mães solteiras, sozinhas e sem a presença do marido ou de um companheiro. O entrevistador acompanhou como ouvinte os Grupos de Pais por um período de seis meses. Os Grupos de Pais no CAPS têm por característica uma alta rotatividade e a cada reunião há novos participantes.

Nestas participações, um dia “me” chamou a atenção à figura de um pai. O sujeito estava sozinho, participava do grupo somente quando a psicóloga solicitava a sua participação. No final da reunião “conversei” com o sujeito e disse que estava fazendo uma pesquisa com pais de filhos usuários de drogas para o mestrado e se ele concordaria em participar. O sujeito num primeiro momento disse que sim, mas que não teria condições de deslocar até o CAPS em outro dia da semana que não fosse no

dia da reunião do Grupo. Fiz uma proposta de realizar a entrevista no final de semana em sua casa, sendo que, o horário e o dia da entrevista seriam escolhidos por ele. O sujeito concordou e marcou a entrevista num domingo à tarde, pois no sábado, segundo o sujeito não teria como acontecer à entrevista, pois, “não faço nada no sábado, sou adventista do sétimo dia”.

A entrevista com o sujeito se realizou no domingo combinado e durou aproximadamente sessenta minutos. Após o término da entrevista “solicitei” ao sujeito que na próxima reunião do Grupo de Pais no CAPS se marcaria uma nova entrevista. Foi então, que “sugeri” a ele a necessidade de entrevistar o seu filho e como poderia ser feita a entrevista. O sujeito disse que sim, disse: “você tem que ligar na casa da mãe dele, ele mora lá”. Concordei e o pai me passou o telefone do filho. Após este encontro o pai freqüentou o Grupo duas vezes. A primeira vez quando o conheci e marcou-se a entrevista e numa segunda vez, após a entrevista, “encontrei-o” no Grupo de Pais, “tentei” marcar uma nova entrevista, mas o sujeito disse que estava “sem tempo”. Após este encontro o sujeito não freqüentou mais o Grupo.

Uma segunda entrevista foi com o adolescente usuário de drogas. O contato com o adolescente foi feito pelo telefone. No primeiro telefonema o adolescente se propôs a realizar a entrevista, depois que expliquei que já tinha feito uma entrevista com o seu pai e se poderia entrevistá-lo também. Depois de fazer um contrato inicial pelo telefone dizendo ao adolescente que a entrevista fazia parte de uma pesquisa com famílias que freqüentam o CAPS, ele concordou.

O dia e o horário foram marcados pelo adolescente, alegando que teria que ser à noite, pois ele trabalhava o dia todo. No dia combinado fui até a sua casa, em que o adolescente me esperava na porta. Ao chegar ele indagou-me: “vai demorar?”.



Disse a ele que duraria em média sessenta minutos, prontamente ele negou que poderia ficar “todo esse tempo”, pois tinha que participar de um culto na igreja com a namorada. Concordei e entramos na casa da sua mãe. “Voltei” a fazer um contrato inicial dizendo ao adolescente que o que fosse dito ali seria tratado com muito respeito e verdade. Durante a entrevista e num primeiro momento “percebi” o quanto ele estava tenso e com vontade de “escapular”. Ele sentou-se diante de mim em frente da porta de entrada da casa. Depois de vinte minutos de entrevista o adolescente perguntava insistentemente se o tempo não tinha terminado, pois tinha um compromisso na igreja. Depois de três interrupções por parte do adolescente que se referia ao tempo e ao compromisso, “resolvi” interromper e marcou-se um outro dia, o que foi prontamente aceito pelo adolescente.

No segundo dia combinado da segunda entrevista o adolescente chegou trinta minutos atrasados e não quis ser entrevistado alegou, “tenho um compromisso”. Combinou-se mais duas vezes, fui até a casa da mãe do adolescente ele não compareceu e na casa não havia ninguém que pudesse dar uma informação sobre o sujeito.

Para a análise dos discursos produzidos na entrevista, adotou-se a posição sustentada por Gori (1998) e também por Campos (2000, 2004) segundo a qual a verdade é dependente (inerente) do dispositivo, ou seja, da situação analítica, constituída da transferência: o sujeito constrói a verdade sobre si, no interior da relação de troca intersubjetiva que é a análise. Lacan (1996) considera “pois nesse trabalho que faz de reconstruí-la para um outro, ele reencontra a alienação fundamental que lhe fez construir como um outro, e que a destinou sempre a lhe ser retirada por um outro” (p.114).

A fala do paciente se apresenta na forma de uma cadeia simbólica, na verdade uma cadeia de significantes, que se manifesta por um desenrolar de metáforas. As metáforas podem ser consideradas como uma espécie de figura de linguagem de base, que funciona pela nomeação de algo pelo nome de um outro tipo ou pelo nome atribuído a uma outra coisa, pela operação de transporte do gênero à espécie, ou da espécie para o gênero, de uma espécie à outra ou ainda por analogia.

É importante salientar que as metáforas no discurso dos pacientes, ou, no caso de entrevistas, no discurso dos sujeitos, são carregadas de analogias que podem ser desconstruídas para se aprender seu significado último. Assim as metáforas tomam o valor de sintoma, são o que esconde e ao mesmo tempo, o que revela algo do sujeito, para si mesmo.

### **3.2. O encontro, o vínculo: a palidez de um pai**

O primeiro contato com o pai do adolescente, se deu no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS – Girassol), onde se atendem pais que buscam ajuda quanto ao problema de filhos usuários de drogas.

O sujeito, que participou desta pesquisa, procurou a instituição e passou por triagem e foi encaminhado ao “Grupo de Pais”. O percurso clínico, definido para este trabalho, foi de acompanhar, num primeiro momento o Grupo de Pais que se reúne uma vez por semana durante 01h30min no período matutino. O grupo tem em média de 6 a 8 participantes acompanhados por uma psicóloga funcionária do CAPS. A dinâmica do grupo é dirigida pela psicóloga que procura motivar a todos a falar sobre o “problema de ter um filho que usa droga”. As intervenções no grupo são

conduzidas por ela e geralmente são feitas sugestões e orientações de como os pais podem estar lidando com os filhos no tocante à educação e suas ansiedades e angústias frente ao problema no uso de drogas.

A grande maioria das pessoas que procuram os grupos no CAPS são mulheres, geralmente casadas, sem a presença do esposo, mães solteiras, separadas ou divorciadas. A presença de um pai nesse grupo me chamou a atenção, principalmente por estar só e bastante silencioso. A sua participação acontecia exclusivamente quando incitado pela psicóloga.

O sujeito tem 46 anos, é separado, pai de dois filhos (casal), estudou até a sexta série do Ensino Fundamental, é sapateiro, adventista do sétimo dia - “sou religioso” - procurou CAPS - Girassol por recomendação de uma conselheira da infância e juventude, quando seu filho tentou esfaquear o marido da sua filha.

Conversou-se inicialmente sobre como e o que seria a entrevista. Da forma como sempre se apresentou no grupo, o sujeito colocou-se de acordo mas sem manifestar interesse – “ficou imóvel”. Ficou sentado ali, perto da porta, como se fosse sair a qualquer momento. A posição em que ele se encontrava durante a entrevista, me dava a sensação de expectativa de fuga, como se ele esperasse “escapular”. A “minha” primeira impressão era ter diante de mim um sujeito magro, pálido e extremamente ‘sem-graça’. Ele se senta em uma cadeira de frente a “mim”, pernas cruzadas e com as mãos unidas sobre o joelho, a fala era baixa e desta forma ‘meio’ imóvel permaneceu. Diante da passividade inexpressiva do sujeito, “achei” que deveria começar a entrevista fazendo um pergunta direta, que pudesse fazer com ele falasse da sua história familiar. Como ele já havia falado no grupo que era separado, eu decidi perguntar: “Como você conheceu a sua ex-esposa?”. Ele iniciou dizendo o seguinte: “Eu conheci a minha esposa através de uma irmã que trabalhava

com ela em uma loja no centro da cidade. Eu tinha 18 anos, me parece que ela era noiva não sei bem essa história”. Relatou também como foi o casamento: “Eu me casei depois de um tempo, você sabe naquela época a gente casava para não servir o exército. Tivemos dois filhos, a primeira foi programada, nasceu cinco anos depois de casado e o segundo o filho que usa droga foi meio ‘escapulido’. Esse menino sempre me deu trabalho”. A sua maneira de iniciar o relacionamento, o casamento e o jeito com que ele chama o filho me chamou a atenção de como ele constrói o ‘retrato’ de sua vida.

Um sofrimento presente é percebido num misto de frieza e descomprometimento. Este sentimento “me” leva a refletir sobre a educação desse pai que um dia foi filho e a forma fria e estranha ao falar sobre seu filho. Segundo Martins (2002) “Na interpretação mitológica poderia ser dito que o mito é o pai do adulto e não a criança” (p.21). “Pensei” na imagem de um pai criança refletindo diante de mim sua imagem primária. “Eu sempre fui sapateiro, aprendi este ofício no internato FAMA<sup>1</sup>. A minha mãe separou do meu pai eu tinha uns 8 ou 9 anos, ai uma amiga dela arrumou uma vaga para mim e mais dois irmãos. Dizem que minha mãe teve 20 filhos, mas só conheço oito (8). Desde então nunca mais vi o meu pai. Fiquei internado até os 17 anos”.

A mediação simbólica faz parte não somente do imaginário, mas é também um processo pulsional, por isso também corporal. A sua solidão ao ser privado de conviver normalmente com os seus pais e irmãos é carregado durante sua vida por uma experiência no internato; a alteridade passa a ser negada.

“Perguntei”: No tempo do internato vocês recebiam visitas? “Não, a gente tinha uma ‘madrinha’ que era responsável por nós. Ela sempre nos visitava pra saber

---

<sup>1</sup> FAMA Fraternidade e Assistência: é uma instituição de apoio ao menor abandonado.

se não estava faltando nada”. Fico pensando que, para ele, a visita da “madrinha” não era visita, esta era mais uma pessoa que não fazia referência para o sujeito. Não havia vínculo, é como se eu ouvisse na dupla negação “não faltava nada”, o “faltava tudo”. A relação do sujeito com sua família é uma relação interrompida. Percebe-se a sua passividade frente a uma relação mais profunda com as pessoas. Na relação transferencial, o “percebo” “anestesiado” ou privando-se de sensações como se não perceber a si mesmo.

### **3.2.1. O Casamento: um Conflito Identificatório**

Esta opacidade do sujeito, frente aos outros, fica sobremaneira visível no percurso de seu casamento. Ele diz: “Olha quando o menino tinha uns cinco anos a minha esposa foi visitar a irmã dela num outro setor e ele sumiu. A mãe dele me liga e diz: o menino sumiu! Saí do meu serviço, fui até lá. Depois de muito procurar o achei com uma bicicletinha e parado na rua e algumas pessoas cercando-o. Ele parecia um leão acuado e ninguém chegava perto”. Mais uma vez, o sujeito está presente, mas não faz presença, ele não acolhe o filho, ele recolhe “o menino” da rua, da cena. Parece-me que esse pai poderia ter se identificado nesta cena com o filho; o abandono, o medo, os olhares curiosos e a grandeza de um “leão”, mas que fica acuado. Assim sendo, a transferência se faz via imagem, ou melhor, via a metáfora. Penso: quem é o leão? Ele seria um leão acuado? Eu, o mundo, poderia ser o leão acuador?

O reconhecimento do Outro - real é fundamental na constituição do psiquismo. Ele foi uma criança mal-acolhida e sua identificação foi estruturada com

rudeza e sem carinho. Reconhece-se esta dimensão na sua fala e sua realidade de desamparo e com a dor comunicada na palidez de seus sentimentos. O descaso de sua mãe colocou sem afeto o relacionamento dele com os outros. Ele vive o impasse diante do entrevistador e o leão pode ser visto como uma metáfora da experiência da separação de um objeto e no desinvestimento repetido na relação com o seu filho.

Ninguém preocupa com o outro na sua família. O seu relato traz à luz toda a sua dificuldade em estabelecer vínculos com o outro. Ele não é capaz de seguir uma relação com um objeto que pudesse inspirar confiança. Uma relação do Eu pode esboçar o conflito identificatório no desenvolvimento de uma relação transferencial com o entrevistador por meio de seus sintomas, ele verbalizava, “Eu saía cedo, trabalhava o dia todo e só via os meninos à noite”. Observa-se uma estrutura fundamentalmente idêntica à melancolia numa dívida irreparável no passado, mas viva no presente, ele completa: “O menino fala que entrou nessa por causa de mim, outra hora ele fala que a culpa é da mãe dele, eu não entendo”. Contaminado pelo abandono afetivo, sem referencial ou vínculos primários superficiais o espelho quebra e a relação configura culpa e culpado.

“Ela (a esposa) sempre falava pra chamar a atenção do meu filho, ele não queria estudar e ficava só na rua correndo atrás de pipa. Eu ameaçava bater nele, eu nunca cumpria. A minha ex-esposa falava que eu o protegia”.

Assim a representação e o relato de sua história, a eterna separação e o modelo de relacionar com as pessoas se expressam na relação com o filho que sempre “deu trabalho”. Revela a pobreza dos elementos incorporados por esse pai na introjeção de um modelo identitário e de um Édipo comprometido quanto às suas escolhas amorosas e um desamparo frente ao amor e a fuga dele próprio no reflexo do Outro. Ele fala, “hoje estou separado e moro na casa da minha filha”.

### 3.2.2. O Espelho Quebrado: não cola, separa

A frieza do sujeito ao não participar da vida familiar como pai, remonta o seu passado conflituoso diante do descaso e da separação. Ele separa a ação ao experienciar frente às relações cotidianas um sujeito frio e distante como a experiência vivida por aquela criança “deixada” no internato. Ele traz dentro de si e diante do mundo a separação mãe-criança, o vínculo cindido. A experiência de desamparo que vai se prolongar no internato faz com que o sujeito tenha como recurso a reestruturação interna, então ele vai se preservar num modo de relação e se coloca distante do Outro, antes que este o abandone. A sua intersubjetividade negligencia e transporta todo este vazio na relação de pai-filho. A separação do passado ecoa, no presente, o trauma e a desconfiança de uma forma bastante significativa.

“Quando separei, ela me chamou e disse pra levar o menino pra morar na sapataria. Ele foi não queria trabalhar e nem estudar. Ele me dizia: ‘de menor’ não pode trabalhar! Então, eu nunca forcei nada. Diante de tanta moleza comecei a perceber que a lata de cola ficava branca por cima, parecendo leite. Ai então um funcionário me disse que tinha alguém cheirando cola. Foi até que um dia eu apertei e ele me contou que tinha pegado a cola e cheirado”. Percebe-se aqui que o filho vai utilizar a própria atividade profissional do pai para iniciar a sua vida com as drogas. Esta própria atividade “me” faz pensar que o olhar desse sujeito está sempre para baixo, para os pés, para os sapatos, com os quais os outros caminham. A cola usada pelo sapateiro, para fazer o “conserto”, ou para “unir” as partes separadas, “estragadas” vai ser o objeto de separação, distanciamento e “perdição” do filho, ao mesmo tempo o “objeto” que os liga, “os mantém unidos”.

Ao longo de sua história, a profissão que escolheram para ele no internato foi estruturante, de forma a evitar o confronto com o abandono, da sensação de vazio. A auto-desvalorização o acompanha a cada palavra ou gesto sobre si.

A cola usada para colar os sapatos é fonte de prazer, é auto-erótico para um Ego primitivo. É mola propulsora de uma espécie de fantasia originária que inebria a sua pulsão nos momentos cruciais de sua vida. “As fantasias, neste sentido, são respostas míticas particulares”, lembra Martins (2002, p.39). São ligadas intrinsecamente às questões das origens da vida dos seres humanos. Por ser um mito, é responsável por responder sobre a origem da vida, a origem da sexualidade articulando toda a pulsão do sujeito humano. A característica da fantasia é evidenciar de várias maneiras a organização pulsional de cada sujeito nas suas relações cotidianas.

Parece que o olfato fez parte da relação transferencial e o sujeito somente percebe a função de ser pai quando o filho “cheira a cola”. Como bem sabemos o paladar e o olfato são manifestações originadas nas primeiras relações entre mãe-bebê que originam no universo materno. As dimensões do sentir e do perceber mediam as relações humanas, portanto, a falha ou defeito nesta ligação primária instala o parasitismo. O trabalho de sapateiro é olhando para os pés, de cabeça baixa, pouca fala sinais estes manifestos na relação pai e filho.

“O filho cheira à cola de sapateiro”, ele “aspira” o que é do pai. A cola “cola”, mas não liga. O pai “sente” o “cheiro” do filho; percebe o risco da sua presença, da presença da cola. Mas a cola “ficava branca por cima, parecendo leite”. Leite que vem do pai; objeto de prazer, substituto do objeto primário (do leite da mãe). Mas este leite-cola alucina, retira da realidade, leva para um outro lugar (a FAMA?).



O espelho para o sujeito toxicomano reflete a castração de um Édipo desconfiado e embriagado pelos odores da cola. O espelho é quebrado em vários pedaços empobrece os vínculos e o contato sendo que sua fonte de prazer auto-erótica é primitiva e perceptiva na relação entre pai-filho, pai-mãe, pai-esposa, pai-filha.

A superficialidade das relações e o seu sofrimento são atualizados num misto entre passado presente, quando ele diz: “As crianças de hoje são bem diferentes do que na minha época”. “Fui ganhar um presente eu tinha dez anos, ganhei uma congá e uma camisa. Isso porque trabalhei o ano todo no internato pra ganhar um presentinho”. A partir desta fala pode-se pensar no conflito em que ele vive com o seu filho. O imaginário desta criança parece ter se constituído em torno de um Outro, opaco e “sem-graça”.

A criança do sujeito é a criança da privação; a posição de demanda/necessidades não é legítima, é preciso “merecer”, o afeto (amor) não é dado, mas vem, ainda que em doses minúsculas, por conduta, por contenção do desejo e da necessidade. “As crianças de hoje são diferentes” porque o filho dele acha que tem direito de solicitar/demanda?

A castração refletida no espelho quebrado, faz com que se tente no uso de cola para colar uma relação confusa e enlouquecedora com o pai. O filho que está diante do espelho quebrado, reflete o desamparo e o vazio nos sentimentos. Olivenstein (1985) diz: “é também nesta cinética “relacional” que se situa – ou melhor, não se situa – o pai. Não podemos falar em exclusão e no nome do pai e no próprio pai. Este só intervém de modo negativo, seja não demonstrando seu desejo de “nominar” a criança, seja abdicando seu papel de pai para assumir o papel materno em lugar da mãe” (p.87).

A aflição do sujeito evidencia a sua ausência em assumir o seu papel de pai, ele não ousava pensar os seus sentimentos com relação a esta situação: “Eu dizia que ele tinha que respeitar a mãe dele senão eu ia bater nele. Só que eu nunca batia e a minha esposa falava que eu o protegia”. O sujeito também é órfão e a sua aflição é de quem o assista com uma presença. Ele é filho de “ninguém” e não reconhece a sua origem destrói toda a sua significação.

### **3.3. O Encontro com o Adolescente Toxicomano: uma Conversa por um Fio**

O adolescente marcou a entrevista na casa da mãe, onde mora atualmente. Algumas coisas “me” chamaram a atenção, as cores fortes, paredes vermelhas, sofá vinho, cortina vermelha, flores artificiais. A sensação que eu tinha não era de “lar”, mas de uma sala ou anti-sala de espera. Espera de quê? Espera para o sexo como nos antigos “bordéis” ou espera para o amor? Ele é um rapaz de 18 anos, solteiro, estudante. Achei que iria iniciar a nossa conversa dizendo a ele que as coisas que ali fossem ditas seriam tratadas com muito respeito e muita verdade. Achei que fosse bom deixá-lo falar naqueles primeiros momentos. Eu o percebia tenso, ele começou dizendo: “olha eu já fiz muita burrada na minha vida já fiz muita besteira usei droga, fiz muita coisa que não devia, mas hoje depois que eu conheci a palavra de Deus eu não me utilizo mais disso. Hoje eu levo uma vida mais tranqüila. É claro que de vez em quando, quando eu quero tomar alguma coisa, por exemplo: de vez em quando eu compro um Cinzano, ai ao invés de tomar na rua, eu tomo aqui oh (aponta em direção ao quarto) trancado, no meu quartinho e não fico dando vexame, não saio pra

lá, não saio pra lado nenhum. O que eu tenho que fazer eu faço por aqui mesmo eu não faço mais na rua eu fico em casa, aqui na casa da minha mãe”.

Ele continuou dizendo: “hoje eu sei que as coisas que tinham acontecido na vida, minha vida, eram coisas armadas pelo demônio. O demônio fez tudo isso na minha vida. O demônio vem para roubar, matar e enganar a gente. Eu vivia antes desta maneira. Mas é claro que hoje eu me relaciono com os “malas” que eu conheço. Quando eles me chamam para roubar ou usar droga eu invento uma desculpa, falo que não posso ir e que vou fazer alguma coisa ou vou ter que sair”.

Depois de certo tempo em que ele estava falando, fez uma breve pausa e eu perguntei: Como é que você se sente morando ora com sua mãe ora com o seu pai?“Não é qualquer pessoa que me engana sabia. Eu sou muito esperto, eu ouço muito, mas não falo nada e na hora fico pensando na minha cabeça como é que eu vou falar e como é que eu vou responder. Não é qualquer um que me faz falar. Porque é claro que eu penso que as coisas têm que ficar bem ditas para não ficar dúvida. Assim, as pessoas pensam que são mais inteligentes do que a gente, mas eu sei muito bem o que eu quero e é por isso que eu fico pensando e analisando antes de responder. Esses dias eu fazendo uma reunião aqui em casa, um culto, e ouvindo uma pessoa falar. Eu percebia claramente o que fui fazendo da minha vida, essa vida de droga, de malandragem, de esperteza. Eu ficava só tentando enganar os outros. Agora não, eu tenho responsabilidade, sei que tudo o que aconteceu na vida foi ‘ele’, o demônio. O demônio que fez com que eu fizesse tudo aquilo que estava fazendo. Hoje eu levo uma vida de igreja, não saio e as coisas que faço são coisas para mim. Não fico ai de bobeira. Hoje gosto de levar uma vida mais tranqüila e não de correria como era antigamente. Eu sei que tudo o que acontecia na minha vida era armação do demônio. Porque é ele que destrói a vida da gente. É ele que faz tudo acontecer

errado na vida. Sabe por que, por exemplo, você vai levando a vida igual eu estava levando, enganado com as coisas. Eu não sabia das verdades de Deus, depois que eu descobri é claro que minha vida foi mudando”.

Então iniciei uma outra tentativa de fazer outra pergunta, pois em minha opinião ele não queria responder. Para responder “ele tinha que pensar muito”. Percebi-o, ansioso e jogando palavras em relação à igreja. Foi interessante, “continuei” a pensar que ele não tinha respondido o que foi perguntado. Foi então, que “percebi” as respostas carregadas de símbolos como: capeta, demônio, a religião, o matar, o roubar, “escutei” o seu modo singular de expressar e o seu sentir. “Insisti” com a pergunta... Como é que você sente ora morando com seu pai ora morando com sua mãe? “É, mas aquele...” (pausa). Eu perguntei. Aquele quem? E ele respondeu: “Meu pai, ele tá vivendo enganado, sabe por que, ele está lá com aquela mulher, que era casada, tem dois filhos e ele ta lá, vivendo enganado, trabalha, faz as coisas, só porque ela tem uma situação melhor. Uma situação tipo assim de uma pessoa rica. Ela acha que pode mandar que pode fazer tudo. Ele está lá vivendo enganado naquela casa da ilusão. Aquilo ali que é a casa da ilusão e eu tenho certeza que é o capeta que ta armando tudo pra ele. Porque ele ta lá iludido com ela. Sabe, iludido, e vem aqui em casa de vez em quando, chega aqui você pede dinheiro pra ele, ele fala que não tem, pede ajuda ele fala também que não tem. Ele é assim vem aqui dá uma olhadinha, nem quer saber como estou, não pergunta nada. Sabe, trabalho lá com ele. Colo as sandálias que ele faz” (pausa). Então eu pergunto: como você cola? E ele olha para cima e diz: “não é assim. Eu passo a cola na sandália e ele dá o acabamento, é assim. É ruim, a gente trabalha, trabalha, trabalha, e recebe nada, só o meu cunhado é que recebe. Mas sabe por quê? Eu já o percebi. Ele não me engana não, aquele cara não me engana não, ele paga R\$25,00 pro meu cunhado só que ele

sabe que meu cunhado bebe. São vinte cinco reais pra ele (o cunhado) encher a cara. Ele esquece de mim e não me dá um centavo”. - Penso nesse momento que o pagamento para o filho seria a própria cola -. “Eu fico lá trabalhando. Tem dia que eu trabalho o dia todo (pausa). Eu lhe pergunto se hoje ele trabalhou, e ele responde: “Não, hoje eu não trabalhei porque a minha roupa estava suja”. “Não tinha roupa pra ir trabalhar”. “Fiquei aqui”. E perguntei: como assim? E ele me responde: “Aqui em casa. Fico o tempo todo aqui, não tinha roupa pra ir trabalhar” (pausa). Tento um movimento de aproximação e pergunto: Me parece que você está muito magoado com as pessoas que não reconhecem o seu trabalho? Ele olha para o chão e fala do pai: “É difícil! Ele tá lá alugando. Olha pra você ver o tanto que ele é bobo. O meu cunhado aluga o cômodo pra ele, só que o maquinário é todo do meu pai. Ele faz tudo, pois apesar de tudo ele é um ótimo sapateiro. Ele faz as coisas muito bem feitas. As freguesas adoram o trabalho dele, mas ele não dá valor. Chega no final de semana, ele pega um dinheirinho qualquer passa lá o dinheiro pro meu cunhado e eu fico sem receber nada. “Assim hoje, eu tenho um sonho de achar um emprego pra mim para que eu possa ganhar um salário pra calar a boca de muita gente que fala mal de mim”. Pergunto: calar a boca de quem? Ele me responde: “gostaria de não dizer nomes, mas que dá vontade de calar a boca de muita gente, a isso dá”.

Ele continua falando: “Eu não acredito e não confio em ninguém naquela casa da ilusão. Fico lá, e às vezes eles me chamam pra almoçar, mas eu não tenho coragem de comer lá. Eu prefiro comer na casa da minha mãe. Aqui eu sei que eu posso e sei que ninguém vai estar de olho em mim e desconfiado. Porque lá na casa da ilusão as pessoas estão sempre de olho em tudo o que você faz, fica todo mundo desconfiado. É claro que eu venho comer aqui na casa da minha mãe. Fico mais tranqüilo. Venho e almoço, depois volto pra lá. Tem dia que eu almoço rápido e

volto. Outro dia quando percebo que às vezes tem muito serviço pra eu colar, fico lá fazendo o serviço que tenho que fazer. É claro, eu não gosto de comer lá”.

Eu pergunto: Como foi para você a separação dos seus pais? E ele me responde: “Sim, eu gostaria que as coisas fossem diferentes do que é hoje, eu gostaria de vê-lo aqui morando com a gente. Sabe a gente se relacionando aqui em casa e não vivendo lá naquela enganação. Sinceramente eu gostaria que ele estivesse aqui”. Eu questiono: Você acha que seria possível acontecer isso? Ele diz: “Eu acho que seria impossível. Depois desse tempo todo, não acredito que ele vai voltar. Acho que ele vai ficar lá vivendo naquela enganação que ele vive hoje. Olha, eu já estou atrasado para o culto e já tinha combinado com a minha namorada, vou ter que sair”. Sinto que, assim como uma pipa solta, ele escapa.

## Discussão Final

“Deus, Pai que está no céu”... É isto que o discurso desse adolescente me faz pensar. A procura de um pai que não está na terra, e não vê um pai imaginário; ligação tênue e firme como uma linha, ou a fé. O discurso entre Deus e diabo, entre céu e terra, e “o menino” – a pipa solta – que fica entre os dois pólos. Entre a casa da mãe e a casa do pai.

Seria este pai a controlar a pipa segurando o fio da relação? Ou seria o filho-pipa a controlar o pai que se recusa a erguer a cabeça? De toda forma o pai vai à procura de ajuda; o fio-droga puxou forte e ele sente que precisa ter o controle do mesmo, mas não sabe como.

O pai procura ajuda fora de si mesmo, para trazer o filho de volta; ele não tem esse recurso em si mesmo, pois ele próprio foi abandonado – “solto” – desde pequeno. O pai não é provedor não volta para o filho e sim para a casa da filha. O pai vive “naquela enganação”, não nomeia o lugar do filho. O filho se enganou, pois acreditava que o pai fosse o “leão” que protege o território, o “Rei” da criação. Deus também é “Rei” e protege o céu, onde a pipa voa e pede o refúgio. O pai se engana por não ter para onde voltar. Assim como o filho ele também está sem lar. A resposta do filho é real “eu não acredito que ele vai voltar”, os dois não têm para onde voltar, pois se o pai voltar ele tem que voltar e olhar para o filho e percebê-lo como um abandonado (Do mesmo jeito que o abandonaram na FAMA?). O filho faz espelho para este pai? Quando o filho volta para a casa da mãe, “o menino regride” ao colo, ao útero, almoça na casa da mãe (o leite?). A cola precisou ficar “branca por cima parecendo leite”, o “menino” chama a atenção do pai através do “leite da cola” é só ai momentaneamente que os dois colam. São traços simbólicos explícitos na relação

dual com o pai imaginário. A “pipa-menino” voa até o céu e aumenta a vontade do pai em puxá-lo de volta, pois o filho longe faz o pai reviver o seu vazio.

O fio é tênue, às vezes não se consegue enxergá-lo, só é visto quando se olha para a pipa, que balança, ora na casa do pai, ora na casa da mãe. Não existe o nome do pai, não existe o nome do filho. Naquele céu da pipa – “o menino” fica confuso entre o pai na terra e o Pai no céu. Ele é a pipa que voa, mas volta desde que haja um fio, um cordão (umbilical?) em que se sustente.

A droga ocupa o espaço entre “o menino” e o pai, fazendo “cola”, fazendo “liga”. Através da cola ele tenta encontrar o pai. Ele está com o pai quando cola as sandálias que o pai faz, mas não se percebe, em nenhum momento, o movimento de levantar os olhos para ver o filho.

A cola faz o elo entre o filho e o pai. Ela inicia e mantém uma relação. É a partir dela que o pai vai enxergar o filho e a necessidade de se levantar, sair, caminhar à procura de ajuda – à procura do filho.

A posição do filho é o de terceiro lesado e ele percebe o pai, o movimento do pai que se ausenta cada vez que é solicitado. Ele fica solto, indo e vindo, não consegue se fixar, não deixa relacionar. Rompe a interlocução como se não deixasse saber onde está, onde fica. Fala muito para não (nada) dizer. Não aguarda a pergunta para não ter que responder, assim como não responde a expectativa do pai e da mãe. Ele burla as regras, ele não usa mais drogas, mas bebe no mundo que ele criou, “no quartinho”. Não deixa ninguém entrar no seu mundo, mas não sai dele. Ele olha para o céu, o pai olha para o chão. Pode-se perguntar: O que eles têm em comum? Parece que é a capacidade de não olhar para frente, de não ver o mundo ou acreditar nele.

“O menino” não tem nome, não tem presença, não tem filiação. Talvez não seja por acaso que pai e filho dividam o mesmo nome (dividem o mesmo



significante). Não existe o nome do pai, não existe o nome do filho. É como se os dois tendo o mesmo nome ficassem fixados em um momento em que não há diferenciação, mas não por fusão, mas por um não-dito, e, por conseguinte uma individuação, em que o filho tenta reviver a posição de criança para acalmar a angústia e anular a quebra do espelho. É como se vivesse em um casulo, tecendo o fio do vínculo, impedido de se tornar “um” sujeito.

O pai não o recebe, ele não se estabelece no seu processo de constituição como sujeito (sua subjetividade). Ele não escolhe uma metáfora familiar para ser significante, pois nem o pai e nem a mãe são objetos de identificação. O pai não nomeia o filho e nem o filho o pai. A metáfora do nome do pai não opera como função de suporte à constituição identitária do sujeito. O nome do pai não funciona como significante do sujeito. “O nome próprio individualiza o sujeito, identifica-o e o personaliza. O conjunto de signos que forma o nome próprio, além de servir de marca formal designativa do indivíduo para os outros, para a sociedade, constitui-se como um referencial único para o sujeito: ele o vive como sendo ele mesmo” (Martins, 1991, p.43).

O pai não é suporte de uma presença, é uma presença que se faz na ausência da fala (não-dito). O filho não consegue substituir a mãe por um objeto simbólico de real valor. O nome do pai e do filho são iguais, o filho não tem nome, não tem lugar é confusão entre si mesmo e o outro. O pai não constrói significantes de valor real. O filho procura no fenômeno transicional (no uso da droga) uma projeção imaginária de um pai que não cola, não demonstra desejo de nomear a criança. A tradição oral familiar não liberta a criança do casulo, nasce da quebra. A linguagem do pai não articula a identidade, o corpo e nem o nome do filho. O pai não consegue nomear uma “nova” identidade para o filho. O pai funciona como fosse um duplo, sósia, uma

sombra ameaçando o filho, não pelo incomodo da falta, mas pelo medo de complementar e estar face a face com o igual. Digo que é insuportável para o filho ouvir o nome do pai, por isso “matar” o pai é atirar na própria imagem. O pai não consegue nomear o filho, retirá-lo da natureza e colocá-lo na cultura. O pai não priva o filho da mãe, chama o filho pro real. O filho para elevar o pai à categoria de mito, utiliza o fio tênue da droga e põe a pipa para subir, alucina para não matar o pai que está dentro de si. A metáfora paterna não é mito. É mistério, objeto da fé religiosa, elemento impenetrável à razão humana, o pai que está na terra é fundido com o Pai que está no céu. O delírio do filho é manifestado em Deus que encarna a imagem maldita do pai da terra.

E, por conseguinte, quando o pai percebe que o filho foge ao seu alcance, tenta recolher o fio tênue de um vínculo frágil sustentado somente pelo delírio do filho. O pai não consegue nomear ao filho a falta estruturante simbólica e característica de todo o desenvolvimento psicosexual humano. A noção do uso de droga, como um objeto transicional, evidencia uma ligação frágil entre pai e filho. A fragilidade desta relação, conseqüentemente, do vínculo familiar é frágil. Em que essa fragilidade é resultado de uma identificação precária do sujeito com o objeto, que parece resultar na fixação do filho em uma posição de demanda, uma posição entre o narcisismo primário e a entrada no Édipo. O fenômeno transicional foi tecido no fio que liga a angústia de viver com o pai é a de ser enganado pela falha do pai. E voltar para a casa da mãe é se enganar, é vazio, é continuar “se drogando”, só que agora não com as mesmas pessoas, é sozinho, é com Deus. O filho coloca-se sempre em situação de confronto. O filho está sempre em confronto não quer ser como o pai, não quer se identificar com ele, o sapateiro (real), cabeça baixa, imagem inexpressiva não vendo o que acontece a sua volta. O filho prefere o pai imaginário

(a imagem) e busca na pipa o desejo de alucinar o real e busca a “liberdade” para preencher os vazios de um espelho que não cola mais. A cabeça erguida olhando para o alto na busca da dimensão celeste uma “viagem” com a pipa, sem culpa e sem problemas.

### Referências Bibliográficas

- Ariès, P. (1973). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: JC Editora.
- Bauman, Z. (1997). *O mal-estar da pós modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Birman, J. (2000). *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bucher, R. (1992). *Drogas e drogadição no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brun, D. (1999). Medicina e psicanálise: trocas e colaboração. *Revista Pulsional*, XII (118), 07-10.
- Campos, D. T. F. (1999a). Demande d'enfant une écoute psychanalytique. *Cliniques Méditerranéennes*, 61, 108-119.
- Campos, D. T. F. (1999b). O desejo de se ter um filho: do pedido à escuta. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, XII, (118), 42-51.
- Campos, D. T. F. (2000). Mãe e filha: da identificação à devastação. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, XII, (135), 5-13.
- Campos, D. T. F. (2004). Infertilidade e organização libidinal na mulher. *Estudos: Vida e Saúde*, 31(6), 1105-1114.

- Campos, P. H. F. (2003). *Violência e exclusão na gestão simbólica da Adolescência*.
- Chaves, J. de C. (2003). Modernidade e indivíduo: a indiferença e o hedonismo do afeto. *Estudos: Vida e Saúde*, 30, (1), 181-199.
- Del Volgo, M. J. (1998). *O instante de dizer: o mito individual do doente sobre a medicina moderna*. São Paulo: Escuta, Goiânia: Ed. da UCG.
- Del Volgo, M. J. (1999a). O instante de dizer. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, XII (118), 11-25.
- Del Volgo, M. J. (1999b). Da geografia, dos nomes e das palavras: exílio e migrações na língua. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, XII, (120), 54-61.
- Derrida, J. (2005). *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras.
- Fedida, P. (1995). L`addiction d`absence. L`attente de personne. Cliniques d`toxicomanes Méditerranéennes. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, 47/48, 9-21.
- Freud, S. (1996). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 6, pp. 13-272). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1901).

Freud, S. (1996). Totem e Tabu. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). Em *Edição Standard das Obras Completas Brasileira de Sigmund Freud* (vol. 13, pp. 13-164). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913/1912).

Freud, S. (1996). A dinâmica da transferência. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 12, pp. 109-119). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912).

Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). Em: *Edição Standard das Obras Completas Brasileira de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 77-110). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1914).

Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). Em: *Edição Standard das Obras Completa Brasileira de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 117-146). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).

Freud, S. (1996). Além do Princípio de Prazer. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). Em: *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 18, pp. 13-154). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).

Freud, S. (1996). A dissolução do complexo de Édipo. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). Em: *Edição Standard das Obras Completa Brasileira de Sigmund Freud* (vol. 19, pp. 191-209). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).

Freud, S. (1996). O problema econômico do masoquismo. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). Em: *Edição Standard das Obras Completa Brasileira de Sigmund Freud* (vol. 19, pp. 175-188). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924).

Freud, S. (1996). Construções em análise. (M. A. M. Rego, Trad.). Em J. Salomão (Org). Em *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. 23, pp. 275-290). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937).

Foucault, M. (1985). *História da sexualidade: a vontade de saber* (vol. I). Rio de Janeiro: Graal Editora.

Gori, R. (1998). *A Prova pela fala: sobre a causalidade em psicanálise*. São Paulo: Escuta.

Gori, R. (2004). *A lógica das paixões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Enriquez, E. (1991). *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Kehl, M. R. (2000). *A função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Martins, F. (1991). *O nome próprio: da gênese do eu ao reconhecimento do outro*. Brasília: Ed. UnB.

Martins, F. (2002). *O Complexo de Édipo*. Brasília: Ed. UnB.

Martins, F. (2003). *Psicopathologia II: semiologia clínica: investigação teórico-clínica das síndromes psicopatológicas clássicas*. Brasília: Ed. da UNB.

Lacan, J. (1996). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em *Escritos* (pp.101-187). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1953).

Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1956-57).

Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1960-61).

Olievenstein, C. (1985). *Destino do toxicômano*. São Paulo: Ed. Almed.

Olievenstein, C. (1989). *O não-dito das emoções*. São Paulo: Ed. Jorge Zahar.

Organização Mundial da Saúde – OMS (1996). *CID-10*. São Paulo: USP.

Pichon-Rivière, E. (1998a). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes.

Pichon-Rivière, E. (1998b). *Teoria do vínculo*. São Paulo: Martins Fontes.



Rassial, J. J. (1999). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Ed. Companhia de Freud.

Resende, A. C. A. (2003). O processo de individualização: alienação do homem. *Estudos: Vida e Saúde*, 30, (1), 201-215.

Ribeiro, P. de C. (2000). *O problema da identificação em Freud*. São Paulo: Ed. Escuta.

Rouanet, S. P. (1998). *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Roudinesco, E.; & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Valentim, J. H. (1999). Vicissitudes de uma psicanálise em hospital geral. *Revista Pulsional*, XII, (120), 09-13.